



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redacção, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 40 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

CONTINENTE E ILHAS: 3 mezes, 13\$00;
6 mezes, 26\$00; 12 mezes, 52\$00. — CO-
LONIAS PORTUGUEZAS: 6 mezes, 32\$50;
12 mezes, 65\$00. — PAIZES ESTRAN-
GEIROS: 6 mezes, 51\$00; 12 mezes, 102\$00.
— HESPAÑHA: 6 mezes, 29\$50; 12 mezes,
58\$00

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.



As Especialidades de

BELEZA

Instituto Anglo-Francez de Beleza são
de toda a confiança e de resultados seguros

CREME HOLLINE. Limpa e branqueia, embeleza e
unifica a pele, tirando as rugas, manchas, cravos
e segurando o pó de arroz. 20 anos de exito:
10\$00.

AGUA HOLLINE. Maravilhosa para a pele. Limpa e
unifica a gordura e os pontos negros e tem a gran-
de propriedade de fechar os poros: 10\$00.

PÓ DE ARROZ «HOLLINE». Fínissimo e muito adere-
nte: 10\$00 e 4.00.

ABONETE «HOLLINE». Fínissimo. Cada sabonete
tem um atestado de pureza: 6\$00.

EMAIL DE PERLES. Para branquear a cara, pescoço,
braços, etc., substituindo admiravelmente o pó
de arroz. Não cae e não suja as golas: 10\$00.

RECLAME CREAM. Crème infalível para tirar as sar-
das: 10\$00.

ANTI-IRRIT. Loção para tirar as sardas sem irri-
tar a pele. Infalível: 10\$00.

LOTION DIVINE. Tira infalivelmente os pontos ne-
gros e fecha os poros. Usa-se conjuntamente
com o «Creme Holline». 10\$00.

BALME DE BEAUTE. (Para as peles secas). Amacia
a pele, tornando-a fina e aveiuada. Maravilhoso
para o cabelo: 10\$00.

LALL ANTI-RIDE. Este maravilhoso leite impede
a tira as rugas, atormosando a pele: 10\$00.

CREME MERVILLEUSE. Branqueia a pele, tornan-
do-a fina e aveiuada: 10\$00.

ROSALINE. Pomada para dar a cor natural as faces,
e dos labios, muito aderente: 10\$00.

KOZALINE. Líquido para dar a cor natural as faces,
nos olhos e as unhas. Não sai ao comer e de-
ber: 9\$00.

ROUGE DE VIF HOLLINE. Da ás faces uma linda
cor rosada: 9\$00.

DEODOR. Para tirar o cheiro dos sovacos. Indispensá-
vel para todas as senhoras: 12\$00.

ELECTROLISIS POMATON. Faz desaparecer rapida-
mente eczemas, borbulhas e verminação da pele:
10\$00.

SAPIL EPILATORY. Tira momentaneamente os pelos
sem irritar a pele: (Para tirar os «duma vez
para sempre», ha só o tratamento pela «Electro-
lyse no nosso Consultorio»). 10\$00.

ANTIPOILS. Preparado especial para impedir o au-
mento e crescimento da penugem: 12\$00.

SEVIL OUGILLIERE. Faz crescer e branquear as
pestanhas dando brilho aos olhos: 9\$00.

MYSTIFLYER. Para pintar nas pestanhas, sobrancel-
has e paupérras, tornando os olhos grandes e cati-
vantes: 9\$00.

GOTA MARAVILHOSA. Da brilho e ternura aos
olhos, tirando as inflamações: 10\$50.

HOLLINE FOR THE HAIR. Produz o ingiez de mais
alto valor para parar a queda e fazer nascer e
crescer o cabelo, e restituindo-lhe a sua cor natu-
ral e impedindo-o de embranquecer: (Não é
pintura). 10\$00.

TONICO HOLLINE N.º 1. Para o cabelo gordo. Infal-
ível contra a seborreia, calvice e faz nascer e
crescer o cabelo, impedindo-o de cair e de em-
branquecer: 12\$00.

PELLICULINE. Tira maravilhosamente a caspa e da
vigor ao cabelo, parando a queda: 10\$00.

BRILLANTINE LONIQUE. Da brilho, flexibilidade
vigor ao cabelo, tornando-o muito sedoso: 9\$00.

SHAMPOO HOLLINE. Em pó, para lavar a cabeça.
Tira a caspa, deixando os cabelos brilhantes e
sedosos: 1\$00.

BLONDINE. Descolorante da penugem e dos pelos
deitado o quasi invisíveis: 10\$00.

TINTURA HOLLINE. Para o cabelo e bigode. In-
cruvavel e d'uma só applicação. Não sai nem
mancha a pele, muito económica: 3\$500.

CLU-CREAM. Tira as peles em volta das unhas.
8\$00.

LOÇAO FLEURS D'ORIENT. Tonifica os musculos
e enrija as carnes, fazendo desaparecer infalivel-
mente as rugas. 10\$00.

SUC DE MIMOSA. Branqueia e amacia as mãos, per-
fundando-as deliciosamente: 9\$00.

VERNE HOLLINE. Da um brilho de diamantes a
unhas, protege-as e dá-lhes uma linda cor natu-
ral: 7\$50.

LOÇAO HOLLINE N.º 2. Para tirar o verniz das
unhas e preparal-as para uma nova applicação:
6\$00.

OAGAL. Ultima descoberta da ciencia para dimi-
nuir os seios, as ancas, etc. 20\$00.

HOLLINE N.º 3 para enrijar os seios sem os au-
mentar: 10\$00.

**PREPARADO PARA O DESENVOLVIMENTO E EN-
RIJAMENTO DOS SEIOS.** Resultados surpreen-
tes em 10 dias. Tratamento eficaz, infalível e
completamente innocuo: 50\$00.

AMMILAKI CREAM. descoberta maravilhosa para
aumentar e enrijar os seios: 20\$00.

LIQID DENTIFRICE. Para a beleza e hygiene dos
dentes e da boca. Branqueia muito: 10\$00.

ODRE FLEURS D'ORIENT. Po para banho e para
a toilette do rosto. Torna a pele fina e branca,
dando beleza ao rosto e ao corpo. Deliciosamente
perfumada: 10\$00.

LOÇAO HOLLINE N.º 4. Tira infalivelmente a trans-
piração excessiva das mãos e da cara. Completa-
mente innocua: 9\$00.

CREME MEDICINAL HOLLINE N.º 3. Adstringente. Espe-
cial para peles oleosas. Para por depois da loção
n.º 4: 10\$00.

AGUA DE COLONIA. Extra-superior: 12\$00.

**APARELHO ELECTRO DINAMICO DO DR. HINSON,
MODELO A.** Destruição radical dos pelos em casa.
Simplicissimo e inofensivo. «Único tratamento reco-
mendado pelos medicos». 250\$00.

APARELHO, MODELO B. Para destruir os pelos e
para applicações electricas ao rosto. (Desaparição
definitiva das rugas, manchas, cicatrizes, verru-
gas, sardas, impingens, etc.). 250\$00.

LIBRADORES ELECTRICOS. Para maçagens do rosto e
do corpo.

TRATAMENTOS NO INSTITUTO. Destruição radical:
garantida dos pelos, cabelos e penugem do rosto
pela electrolyse. Unica casa da especialidade com
vinte annos de pratica. Tratamento feito unicamente
pelos directores.

DESINFECÇÃO E LIMPEZA DA PELLE. Pela electri-
cidade e pela luz, tirando as rugas, manchas,
sardas, pontos negros, cicatrizes, sinais de bexi-
gas, impingens, etc., etc. Metodo mais moderno,
1, 4\$00; duzia, 40\$00.

DESENVOLVIMENTO E ENRIJAMENTO DOS SEIOS.
Qu a sua educação por um metodo completamente
novo. Resultados rapidos.

CURA DA OBESIDADE E DA MAGREZA.

TRATAMENTOS ELECTRICOS AO CABELLO, para pa-
rar a queda fazendo nascer e crescer.

TINTURA DOS CABELLOS. Em todas as cores; Muita
duração.

LAVAGEM DA CABECA. Com secagem electrica.—
Descoloração de cabelo.

**ONDULAÇÃO MARCEL.—MANUCURE.—«SALAS SE
PARADAS».**

Mandamos qualquer destes Produtos
«A» Cobrança» ao receber um postal

PEDIR FOLHETO

INSTITUTO ANGLO FRANCEZ
DE BELEZA

R. Archieta, n.º 21, 1.º D. Ao Chiado-LISBOA

Telefone C. 5386

NO PORTO: Rua Formosa, 76, 2.º

M. ME HILTON, Directora

Klidina

XAROPE

DE
**IODO E GLICEROFOSFATOS
ASSOCIADOS**
para tratamento das

CREANÇAS

aquitticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Figados
de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico,
com a vantagem de ter sabor
agradabilissimo.

É a medicação propria dos climas quentes

**FORTALECE AS CREANÇAS
ABRE-LHES O APETITE**

Todas devem tomar

a

Klidina

PEDIDOS A

DAVITA, L. DA

83, RUA EUGENIO DOS SANTOS
LISBOA

SENHORAS! Para pos-
suirdes a
pele do vosso rosto sempre fresca e
para vos tornardes extremamente for-
mosas, fazei uso continuo do afamado

CREME LOTTY



Aos nossos assinantes e leitores

A fim de se proceder a uma completa remodelação dos respectivos serviços, no sentido de os desenvolver e melhorar, a *Ilustração Portuguesa* suspende, temporariamente, a sua publicação, com o presente numero.

erecendo o seu trabalho, como já dissemos, foi dirigido. Santos suplantaram a a com que aliviaram a Pia deve ter conseguido ante o segundo tempo, ataque *vermelho*. sa, salientaram-se Vido Bemfica, e Gralha

do jogo, dirigindo-se logo ás bancadas, para saudar o valoroso soldado «Milhões», que do camarote da imprensa assista ao desafio.

Uma vez descoberto um arbitro—descoberta aliás bastante difficil e extremamente morosa—iniciou-se o jogo, manifestando-se, logo, pouca ligação no grupo do Casa Pia.

Passado o primeiro quarto de hora, este ultimo grupo começou a assentar o seu jogo, equilibrando-se bem com o adversario.

Houve durante este espaço de tempo acasos extraordinarios, mercê dos quaes as rêdes dos dois adversarios foram salvas, milagrosamente, em especial ao do Casa Pia.

Este assentou o seu jogo, como acima dissemos, e coube, então, a vez ao Bemfica de desnortear.

Estes dois periodos repetiram-se varias vezes até ao final do encontro, parecendo-nos, no entanto, que na segunda parte o jogo foi mais eliquibrado, registando-se, apenas, deficiencias pessoaes.

Resumindo a impressão que o jogo nos produziu, podemos afirmar, que se equilibrou mais ou menos, havendo, entretanto superioridade de tecnica da parte do ataque *vermelho*, e maior inèrgia e acerto da parte da defesa *negra*.

O primeiro tempo findou com o resultado 1-0, a favor do Casa Pia, resultado este, que não foi alterado no decorrer da segunda parte. A bola que o Casa Pia obteve por intermèdio de Candido de Oliveira, foi muito bem colocada nas redes de Francisco Vieira, e rematou uma bola jogada daquele grupo, conduzido pela sua aza dtreita.

Do trabalho dos guarda-rêdes só ha a dizer bem. Guerra, o mais atacado, desembarou-se com habilidade de autenticas situações dificeis, collocando-se muito bem e encaixando, superiormente.

Fancisco Vieira, defendeu as suas redes com a cos-

O ataque do Bemfica jogou melhor que o adversario desmanchando, por vezes, o conjunto. Artur Augusto, que pouco fez, e Simões que empregou desnecessaria violencia.

Dos avançados do Casa Pia, os melhores foram Lopes, que trabalhou muito e Gralha, que teve algumas boas corridas. Candido de Oliveira perdeu muito jogo e distribuiu mal; deu-nos a impressão de estar doente ou pelo menos contrariado.

O ponto fraco da linha de ataque do Casa Pia, foi o seu interior esquerdo, Oliveira, que pouco ou nada conseguiu fazer.

A arbitragem de Canuto, do Carcavelinhos Foot-Ball Club foi rasoavel, mas teve algumas deficiencias imperdoaveis.

No final do encontro o publico invadiu o terreno do jogo levando em triunfo os jogadores do Casa Pia Atletico Club.

—Antes do Casa Pia jogar contra o Bemfica, defrontaram-se, no mesmo campo de Palhavã, os primeiros grupos do Club de Foot-Ball do «Belenenses» e do Imperio Lisboa Club. Deste encontro saiu victorioso o grupo de Belem, por 5 bolas a 2.

Durante os primeiros momentos de jogo o Imperio desenvolveu um rapido jogo, que, deveras, embaraçou o onze belenense.

Foi ainda o Imperio o primeiro a marcar. Ao findar a primeira parte o Imperio contava duas bolas a seu favor contra uma do adversario.

Uma vez começado o segundo tempo, os Belenenses conseguiram dominar, nitidamente, o Imperio, que, então, realison uma exhibição muito inferior á do começo.

A arbitragem de Albertino Gomes foi muito deficiente, tendo prejudicado o Club de Palhavã.

D. C.

Todos



os Sports

O campo de Palhavã teve uma das suas maiores enchentes, no ultimo domingo.

De facto os encontros, que naquela tarde ali se realizaram — e muito especialmente, o segundo — foram de molde a explicar o entusiasmo manifestado pela *aficion* lisboeta.

O segundo encontro, no qual se defrontavam os primeiros grupos do Casa Pia Atletico Club e do Sport Lisboa e Bemfica, foi a causa da enorme afluencia de publico ao campo do Império.

O Bemfica foi o primeiro grupo a entrar no terreno do jogo, dirigindo-se logo ás bancadas, para saudar o valoroso soldado «Milhões», que do camarote da imprensa assista ao desafio.

Uma vez descoberto um arbitro — descoberta aliás bastante difficil e extremamente morosa — iniciou-se o jogo, manifestando-se, logo, pouca ligação no grupo do Casa Pia.

Passado o primeiro quarto de hora, este ultimo grupo começou a assentar o seu jogo, equilibrando-se bem com o adversario.

Houve durante este espaço de tempo acasos extraordinarios, mercê dos quaes as rêdes dos dois adversarios foram salvas, milagrosamente, em especial ao do Casa Pia.

Este assentou o seu joço, como acima dissemos, e coube, então, a vez ao Bemfica de desnortear.

Estes dois periodos repetiram-se varias vezes até ao final do encontro, parecendo-nos, no entanto, que na segunda parte o jogo foi mais eliquibrado, registando-se, apenas, deficiencias pessoasas.

Resumindo a impressão que o jogo nos produziu, podemos afirmar, que se equilibrou mais ou menos, havendo, entretanto superioridade de tecnica da parte do ataque *vermelho*, e maior inergía e acerto da parte da defesa *negra*.

O primeiro tempo findou com o resultado 1-0, a favor do Casa Pia, resultado este, que não foi alterado no decorrer da segunda parte. A bola que o Casa Pia obteve por intermédio de Candido de Oliveira, foi muito bem colocada nas redes de Francisco Vieira, e rematou uma bola jogada daquele grupo, conduzido pela sua aza dtreita.

Do trabalho dos guarda-rêdes só ha a dizer bem. Guerra, o mais atacado, desembarou-se com habilidade de autenticas situações dificeis, colocando-se muito bem e encaixando, superiormente.

Fancisco Vieira, defendeu as suas redes com a cos-

tumada pericia, em nada desmerecendo o seu trabalho o *goal*, que sofreu, pois, como já dissemos, foi obtido com um *shoot* forte e bem dirigido.

Pereira da Silva e Gomes dos Santos suplantaram a defesa adversaria, pela energia com que aliviaram a sua área. E' a eles que o Casa Pia deve ter conseguido manter o resultado 1-0, durante o segundo tempo, pois inutilisaram muito jogo do ataque *vermelho*.

Nas duas linhas de meia-defesa, salientaram-se Victor Gonçalves e Victor Hugo, do Bemfica, e Gralha do Casa Pia.

O ataque do Bemfica jogou melhor que o adversario desmanchando, por vezes, o conjunto. Artur Augusto, que pouco fez, e Simões que empregou desnecessaria violencia.

Dos avançados do Casa Pia, os melhores foram Lopes, que trabalhou muito e Gralha, que teve algumas boas corridas. Candido de Oliveira perdeu muito jogo e distribuiu mal; deu nos a impressão de estar doente ou pelo menos contrariado.

O ponto fraco da linha de ataque do Casa Pia, foi o seu interior esquerdo, Oliveira, que pouco ou nada conseguiu fazer.

A arbitragem de Canuto, do Carcavelinhos Foot-Ball Club foi rasoavel, mas teve algumas deficiencias imperdoaveis.

No final do encontro o publico invadiu o terreno do jogo levando em triunfo os jogadores do Casa Pia Atletico Club.

—Antes do Casa Pia jogar contra o Bemfica, defrontaram-se, no mesmo campo de Palhavã, os primeiros grupos do Club de Foot-Ball do «Belenenses» e do Imperio Lisboa Club. Deste encontro saiu victorioso o grupo de Belem, por 5 bolas a 2.

Durante os primeiros momentos de jogo o Imperio desenvolveu um rapido jogo, que, deveras, embaraçou o *onze* belenense.

Foi ainda o Imperio o primeiro a marcar. Ao findar a primeira parte o Imperio contava duas bolas a seu favor contra uma do adversario.

Uma vez começado o segundo tempo, os Belenenses conseguiram dominar, nitidamente, o Imperio, que, então, realison uma exhibição muito inferior á do começo.

A arbitragem de Albertino Gomes foi muito deficiente, tendo prejudicado o Club de Palhavã.

D. C.



MARAVILHA DE DEUS

(Ao meu querido amigo—Marcelino Fernandes Teixeira)—

Criou Deus p'ra o Céu estrelas,
P'ra Terra mimosas flôres,
P'ra cantar, as filomelas,
Os poetas e os trovadores...

Porém, Deus, não satisfeito,
Com estas coisas formosas,
Quiz um fruto mais perfeito,
Mais lindo que astros e rosas!

Dispoz em conjunto os sóis,
O luar das noites quietas;
A legião dos rouxinóis
E o coração dos poetas...

E depois de tudo isto,
Deus, um halito imprimindo,
Fez na Terra, deste mixto,
O que pode haver mais lindo!

Criou esta maravilha,
Mais bela que o Céu contém,
Musica, flôr, sol que brilha:
Foi o santo amor de Mãe!...

E achou-lhe tanto prazer,
Que aureos sonhos Deus consomem:
— Vir ao mundo, fazer-se homem,
Para Ele mãe, também, ter!

Assim, num sonho de luz,
O Deus que os sóis alumia,
Fez-se em homem,—foi Jesus,—
P'ra Mãe ter também,—*Maria!*...

Taboço, 16—1—924.

JOAQUIM DORIA.

A' minha sobrinha Maria Alice

24—11—925

Quando te embalo a sorrir,
— Meu botãosinho de rosa! —
Julgo que tenho nos braços
A joia mais preciosa.

E's açucena em botão,
Ou um lírio imaculado
Que os beijos quentes do sol
Inda não teem crestado!

Os anéis do teu cabelo,
Fal-os, a brisa, agitar,
Talvez com pena, talvez
de não os poder beijar! —

E tão dourados anéis
Nessa gentil cabecinha,
Para mim, teem mais valor
Que a c'rôa duma rainha!
Coruche.

MARIA ROSA FALCÃO CARVALHO.

A CASITA DELA

Pequenina, alcandorada
na silveira do caminho,
lembra a doçura dum ninho
a casita onde ela mora.

Uma porta... uma janela...
Trepam roseiras por ela
a enfeitá-la por fora.

Muito caiada de branco,
a casinha que ela tem
parece espreitar quem vem
passar áquele caminho.

Pára-se, então, encantado
do recanto abençoado
onde se esconde esse ninho.

E quem se afirma um momento
descobre atraz da vidraça
um «palminho» em que perpassa
uma mágoa sem igual.

Costura um pouco curvada ..
E' a «pomba» abandonada
daquele triste pombal.

Ninguém dirá — nova e linda! —
a vida triste que tem!
Que neste mundo ninguém
a consegue despertar.

Não se abre aquela janela...
(que a freira na sua cela
tem medo do proprio ar!)

E' que ouve um «pombo» dos bravos
que um dia ali foi parar,
e tão bem soube arrulhar
que por fim... se acasalou.

Porém o vento que o trouxe,
fosse lá para onde fosse,
tambem um dia o levou!

E apenas em noites quentes
um rouxinol na silveira,
contente da companheira,
canta com ela baixinho.

Abre-se então a vidraça...
E nessa canção perpassa
Toda a saúde do ninho...

Lourenço Marques, 20—4—1918.

FERNANDO TAVARES DIAS.



Lar

O receber bem em sua casa é um dever sagrado, mas, para o cumprir, é preciso fazer um estudo metódico de pequeninos detalhes, que insignificantes, quando considerados cada um por si, compõem em

conjunto, a sciencia de ser hospitaleiro, formando a atmosfera de sereno bem estar e de sympatia que deve rodear os convidados, sob pena da dona da casa fallar ao grave compromisso que tomou facilmente, pelo simples facto de emitir um convite.

A primeira circunstantia a atender é a escolha dos convivas, afim de não reunir individuos que sejam antagonicos, por temperamento ou por circunstantias fortuitas evitando tambem que haja mais de duas a tres pessoas desconhecidas entre si. Este ponto é tão importante que se adoptou ultimamente na corte ingleza o costume de expôr na ante-camara um plano das mezas de jantar, para que os convidados tenham tempo, no caso de não conhecerem os seus visinhos de meza, de informar desse facto o official ás ordens, que lh'os apresentará immediatamente, pondo-os em contacto e dando-lhes occasião a uma troca de impressões que lhes permita criarem uma atmosfera de sympatia.

Como é natural segue-se, nas casas particulares o exemplo oriundo de alto. A porta é entregue aos homens um envelope, contendo um bilhete, assim redigido: "Agradada-lhe ter ao seu lado, durante o jantar, Mme. Tal?"

Outro ponto a cuidar é a composição do menu, esmerando-se o anfitrião em agradar, dentro da medida do possivel, ao paladar de cada conviva; contudo, é preciso não exagerar, afim de não dar aos hospedes a impressão de se terem tornado incomodos.

Ha, no entanto donas de casa que, possuindo o dom de saber reunir os espiritos os mais homogêneos e de apresentar jantares maravilhosos, não conseguem estabelecer em sua casa uma corrente de bem-estar e intimidade.

Porquê? Simplesmente porque essas donas de casa não sabendo esquecer a sua responsabilidade, não conversam por dois minutos consecutivos com os seus convidados, preocupadas que estão em seguir os movimentos dos creados, em vêr que a ordem do menu seja rigorosamente cumprida, que o molho não seja esquecido, etc., etc. Os convivas, sentindo-se desatendidos receiam não ter conseguido interessar, ficando, em consequencia pouco á vontade. Semelhante facto, repetido a meu do, torna a atmosfera glacial e contrafeita.

Afim de obstar a esse inconveniente a dona da casa quando saiba receber a primor, dá uma volta por toda a casa, antes da chegada dos seus hospedes, ordenando, instruindo e dispondo tudo, depois esquece momentaneamente todas as preocupações caseiras porque é preferível qualquer pequena omissão ou transtorno a sentirem os convivas que o espirito de quem preside está longe da conversa que se vae desenrolando.

Na vistoria minuciosa que antecede o jantar, deve entrar a revisão de todas as medidas tendentes para o conforto geral.

Entre essas as mais elementares, mas muitas vezes esquecida, são: o colocar jarros d'agua simples ao alcance de todos os convivas e o servir ao mesmo tempo que pão, torradas, visto serem poucas as pessoas que na actualidade não tenham uma certa dieta.

O café e o licor são servidos na sala, pela meia-noite será bem recebida uma chicara de chá.

A saída dos convidados nunca deve ser acompanhada de espalhafato, para não dar signal de partida, portanto o convidado apenas se despede dos donos da casa e estes aceitam lhe a despedida; o homem acompanha o hospede até á porta da rua e a senhora, até ao limiar da porta da sala.

É curioso observar a influencia destas pequenas formalidades sobre a vida social e sobre os costumes da epoca, suavizando-os ou brutalizando-os, conforme são cumpridas ou deitadas ao desprezo.

É neste campo que a influencia de mulher pôde fazer intensamente sentida a sua acção benéfica e civilisadora.

DE RASPÃO

Em Inglaterra, ha actualmente grande e justa preocupação de desenvolver o gosto da boa cozinha em todos es collegios de meninas, ensinando-lhes a preparar os mais diversos pratos. Fazem-se verdadeiros desafios, tendo cada escola o seu «campeão».

Ha tempos a vencedora, —que tinha apenas treze anos—foi festejada e entrevistada como uma grande artista. E porque não? Acho muito preferível que se anime a mocidade feminina a entrar em desafios culinarios ou d'outros quaesquer serviços domesticos, em logar de invadirem o campo masculino do «foot-ball» ou da esgrima.

INQUERITO DO LAR

Amor é só um, embora haja quem diga que se pôde amar muita vez. Com o coração só uma, por devaneio talvez mais, por isso se meu marido amasse uma outra não lhe poria objecções, porque nunca me tinha amado. Acaso uma mulher que ama deve mendigar o amor d'um homem? Nunca. Amar por dó! Que frase humilhante... Redobrar os meus carinhos com quem me não amava, que tollice! Um dia que ele se arrependesse recebelo-ia se por acaso o meu amor tivesse resistido ao duro golpe; prende-lo, nunca! Algema-lo, seria dar-lhe mais ancia de evadir-se. Prende-lo era egoismo e não amor. Um dia que se arrependesse, é, porque não a tinha amado. Toda heroismo, rodeia-lo-ia então de carinho fazendo-lhe esquecer a sua desilusão. Se o meu amor tivesse perdido o meu dó seria o castigo por ele merecido. Pôde-se perdoar mas esquecer nunca!

Conscenciosa.

Horta-Faial.

FORMULARIO DA BELEZA

Apezar do adagio popular: "Dá-me gordura que te

MENÚS DA SEMANA

Domingo

Almoço

Carapau ltró
Costeletas panadas
com esperregado
Cacau

Jantar

Sopa á Cameram
Soufflé de pescada
Frango á capadora
Pudim gelado
de amendoa

Segunda feira

Almoço

Chispe
com feijão branco
Fricassé de galinha
Café com leite

Jantar

Sopa de nabos
Pescadinhas fritas
Carne assada com favas
á ingleza
Compta de alperche

Terça feira

Almoço

Pastelão de peixe
Bifes e cowes
com toucinho
Chá ou café

Jantar

Sopa da rainha
Costeletas de porco
assadas nas braças
Perdiz com louro
Crème de ananaz

Quarta feira

Almoço

Fritura de peixe
Carne com arroz
Cacau

Jantar

Sopa ao uso de Cadix
Timbale de macarrão
Mãos de vitela
com molho de vitão
Sopa de ginjas

Quinta feira

Almoço

Marinada de peixe
Favas guisadas
com ovos escalfados
Café com leite

Jantar

Sopa da virgem
Carne cozida
com molho de tomates
Lombo de carneiro
á Villeroy
Pão de ló'amendoas

Sexta feira

Almoço

Salada de peixe
Carne fria
com macedonia
de legumes em vinagre
Chá ou café

Jantar

Sopa de castanhas
Orelhas de porco
á veneziana
Carne assada
com chicoria
Pudim de baunilha

Sabado

Almoço

Filetes peixe com
ervilhas ao natural
Molhos de vitela
de caldeirada
Pudim de arroz

Jantar

Sopa de peixe
Peixe cosido
com molho alemão
Peito de vitela
em embanumata
Crème de café

darei formosura" ha muita gente que tem um desgosto profundo por ser excessivamente nutrida e que daria muito dinheiro para se vêr livre dessa gordura tão apeteçada pelo proverbio. Mas não julgar que as magras estejam satisfeitas com a sua sorte. — pensar assim, seria evidenciar grande ignorancia de natureza humana — pois é bem sabido que a felicidade só está onde nós não estamos. Mas, para auxiliar gordas e magras a atingir o seu ideal, lembramos-lhes que a dieta é, neste caso, um factor importante e indicamos-lhes os alimentos que os especialistas aconselham ou reprovam.

O que as pessoas obesa pod m comer : — Todos os legumes; torradas, pão escuro, bolachas sem assucar, pouco pão branco.

Carne pouco passada; carneiro, vitela, rim, figado, toucinho, caça, criação, peixe.

Ovos, pouca manteiga, pouco queijo, fruta fresca, salada, ovas de peixe, azeitonas.

Bebidas: agua simples e salinas, chá e café sem assucar nem leite.

O que devem evitar : — Sopas, mólhos, bolos, assucar, cereaes, leite, massas folhadas, empadas, carne de porco, guisados.

Bebidas: vinhos doces, licores, cerveja, cacau, aguas mineraes doces.

O que as magras devem comer — Nata, manteiga, toucinho, presunto, carne, criação, caça, frutas secas, queijo, pudins feitos com leite, araruta, farinha de milho, aveia, assucar.

Arroz, sagú, tapioca, macarrão, manteiga e hortaliças temperadas com azeite.

O que devem evitar — Vinagre, sumo de limão, bebidas gazosas.

No caso de excessiva obesidade ou magreza, seria conveniente consultar um medico, antes de seguir qualquer dieta.

PARA CONSERVAR AS ESCOVAS

Ao comprar vassouras ou escovas devemos metê-las em agua fria antes de as utilizar; a madeira incha em volta das cerdas, dificultando lhes assim a queda:

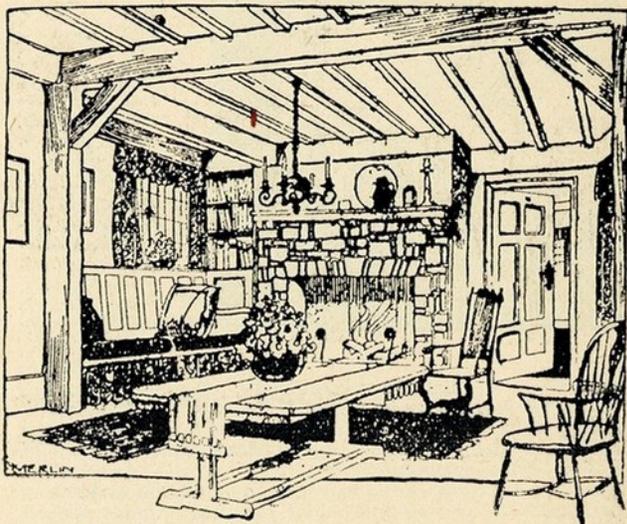
Para conservar estes artigos caseiros em boas condições, mergulham-se uma vez por semana em espuma de sabão, o que as endurece. Ao terminar o serviço, penduram-se as vassouras com os cabos para baixo, afim de impedir que as *cerdas* se amolguem contra o sobrado.

UM INTERIOR DE CASA DE CAMPO

A nossa gravura representa o interior duma casa de campo, comtudo tambem se pôde adaptar admiravelmente a um destes quartos de casa velha em que as taboas do tecto baixo estão fortemente marcadas e em que as bandeiras das portas de comunicação são formadas por pequeninos vidros que apenas deixam entrar uma claridade suave e debil.

A decoração de qualquer destes aposentos deve distinguir-se por uma grande simplicidade o que de forma

alguma exclue o conforto. Assim serão muito bem vindas as cadeiras de palha e as de balouço. Sobre o chão encerado espalhar-se-hão varios tapetes de tamanho regular. Obteem-se os toques de côr indispensaveis á



intimidade moderna, forrando a mobilia com chita ou cretonne vistosa e fazendo cortinas e reposteiros eguaes. As flores tambem são imprescindiveis hoje em dia para a felicidade completa dos habitantes de uma casa.

COMO PREGAR UM BOTÃO

Já estou vendo as minhas leitoras sorrirem, ironicas, deante da ingenuidade do titulo que encima esta nota. Guardem a sua ironia, minhas senhoras. O Lar deve ser um altar consagrado á beleza e portanto tudo quanto nele se passa, por mais simples que seja, teem os seus ritos e preceitos. E assim acontece até no insignificante áto de pregar um botão.

Nem todos os botões se prégam da mesma forma, por exemplo, os de osso e os de madreperola são cosidos com seda. Se teem quatro orificios faz-se d'um d'elles o ponto de partida, saindo a linha d'ali para os outros de maneira a formar uma flecha.

Havendo uma fileira de botões, as flechas devem apontar todas para a mesma direcção.

Não se repuxa a seda para não franzir a fazenda e coloca-se por traz de cada botão um pésinho.

Se o botão a pregar fôr forrado de pano, coze-se com algodão; a linha deve ser bastante comprida para fazer com ela um pé, porque d'outra forma a fazenda pôde rasgar-se. A melhor maneira de cozer um botão desta qualidade, é marcar uma rodela a lapis, e cozelo a ponto atraz, seguindo o risco.

Os botões, cozidos assim, ficam muito seguros e não saltam á menor provocação.

PENSAMENTOS

Os sonhos e as esperanças são aureos colibris das regiões da alvorada que buscam para ninho os peitos das creanças.

Guerra Junqueiro

Quem tem no coração um segredo que de todos quer recatar, trai-o muitas vezes á força de disfarça-lo.

Julio Diniz

Não ha isolamento tão tragico como o que se sente no meio das grandes multidões desconhecidas.

* * *

A civilização, matando a natureza, fez-nos orfãos.

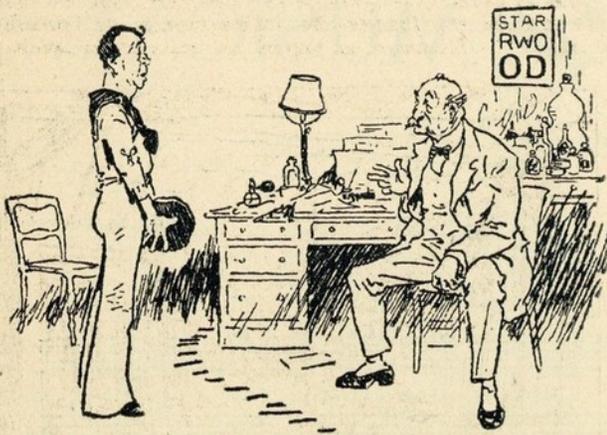
Agostinho de Campos

CALENDRARIO DA SEMANA

Abril — 30 dias

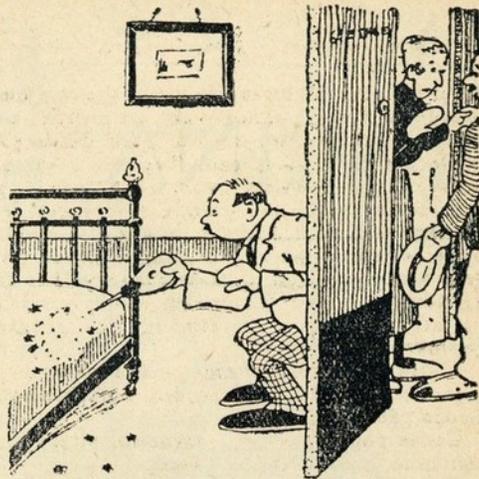
- 13 — Domingo — S. Hermenegido.
- 14 — Segunda-feira — S. Tiburcio.
- 15 — Terça-feira — S. Basilio, Bom Pastor.
- 16 — Quarta-feira — St.^a Engracia.
- 17 — Quinta-feira — S. Aniceto.
- 18 — Sexta-feira — S. Gualdino.
- 19 — Sabado — S. Leão, S. Jorge.

Seara alheia



O medico — Vamos lá a saber: já experimentou gargarejar com agua salgada?
O marinheiro — Ora essa! Fui torpedeado, por tres vezes, durante a guerra!...

(De *London Mail*, Londres.)



— O senhor está em casa?
 — Não senhor. Anda na caça...

(De «Le Matin», Paris.)



Ela — Reggie, ó Reggie! Não ha outro caminho, para descer, se não esse?!

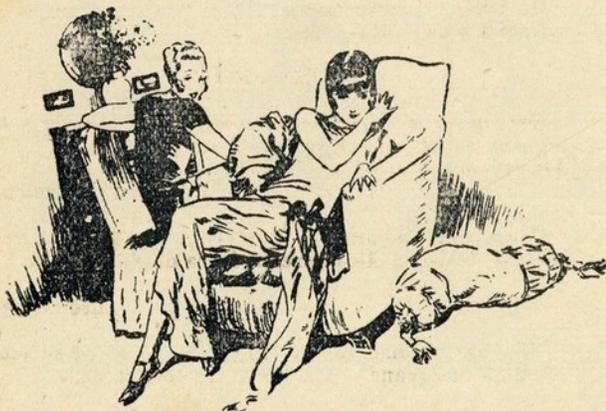
(De *The Humorist*, Londres.)



Concurso de janelas

— Não chegues á janela, enquanto durar o concurso, que nos fazes perder o premio.

(De «Le Journal», Paris.)



— Apesar de ser, já para a semana, o meu casamento, sinto-me nervosissima!...

— Se te parece! Até á ultima hora pode ele mudar de idéas!...

(De *London Opinion*, Londres.)



O MEDICO—Ora deite lá a lingua de tó 1.º meu menino.
O DOENTE—Sim senhor, mas espere que a mamã se vá embora... senão ela bate-me...

(De «Petit Parisien», Paris.)



PAGINA

MUSICAL

Mazurca

A FESTA DAS CRENÇAS

José da Conceição

(A' Alice d'Oliveira)

Talhadas

Musical score for piano, consisting of ten systems of staves. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. Key markings include 'P' (piano), 'F' (forte), 'mf' (mezzo-forte), and 'p.' (piano). Pedal markings are indicated by '* Ped.' and 'Ped.'. The score also features a 'D.C.' (Da Capo) instruction and a 'rit.' (ritardando) marking. The piece concludes with a final cadence and a 'Ped.' marking.

No Monte

PELO caminho que vai direito ao Relvão a Fernanda conduz o gado: o *Mondego* adiante e ela atrás, com o cesto da meia no braço, trincando um bocado de borôa que a mãe lhe dera para a dejejuar. O nevoeiro é já menos denso. Por entre ele adivinha-se o sol que, encoberto ainda pelos vapores de água, se assemelha á lua cheia. Os trabalhadores, com o rosto aljofurado de suor, preparam-se para saudar o rei da criação, levantando a fronte altiva, encostados ao cabo da enxada. Pelos valeiros as mulheres colocam nos *poisos* as cestas do *roido* e seguem debaixo dos carregos, fiando sempre para aproveitarem o tempo.

A pastora, pelo atalho acima, continúa, vagarosamente, a marcha, interrompendo-a apenas quando é obrigada a pôr em movimento alguma ovelha que fica para traz, tentada pelas ervas mais viçosas, saídas dos tapumes. Lá em baixo, no Vale da Cevada, o tio Antonio Borges, depois de uma hora de constante labuta, tira o lenço da cintura e limpa o rosto inundado de suor.

A Fernanda pára e salva-o:

Nosso Senhor lhe dê muito bom dia, tio Antonio.

— Vem com Deus, cachopa. Então ainda agora vaes com as badanas?

— Acordei hoje mais tarde; estava com um sôno...

— Eu sei, eu sei. Faltam-te os cuidados da vida.

Vai-te embora, mas tem cuidado com os lobos de duas pernas. E' que estás a ser uma pequena de estalo...

Fingindo-se zangada passa adiante, sem mais dizer, batendo com a vara de moita nos sargaços e giestas. A seguir encontra o moleiro da Povoia do Lobo, atrás do rendeiro carregado de taleigas.

— Ora viva o tio Joaquim *mallo* — seu burro.

— Que Deus contigo venha. Has-de ser sempre assim dessas graças. Tens o sangue na gueltra, não admira... Tu lá chegarás, tu lá chegarás...

E, com uma vigorosa pancada nas ancas do animalinho, interrompeu o diálogo, caminhando em frente, a arrastar os tamancos desencoirados até ao meio.



Estava finalmente no Relvão. Sentou-se a fazer meia, enquanto o *Mondego*, junto dela, se espreguiçava, rolando pela relva, com o novelo de algodão na bôca. Assim permaneceu o *gua-da* por algum tempo, até que, presentindo que alguém se aproximava, se pôs a rosnar muito senhor das suas atribuições. Um *cala-te, Mondego*; sou eu, foi o bastante para mudar de atitude e de intenção.

Era o Octavio da tia Maria do Rosario que, de livro de baixo do braço, trazia a cabra ao pasto.

— Ah! és tu? — disse Fernanda, levantando os olhos da meia — Quem te trouxe hoje para aqui? Costumas

não passar da Pedra da Vaca...

— Ora quem havia de ser...

Pois tu ainda não adivinhaste?

— Maroto, que estás a brincar comigo.

— Na minha salvação, Fernanda: eu vim cá para te falar e lér ao pé de ti este livro.

— Tem santinhos?

— Não tem figuras, mas nem por isso gosto menos dele. Emprestou-m'o o sr. professor.

— Sim?! Que pena eu não saber ler e escrever. Se soubesse ainda havia de marcar melhor do que a Emilinha do sr. prior.

— Então gostavas muito de saber lér? Se assim tens tanta vontade, eu ensino-te.

— Quem me dera isso, mas tu não és capaz...

— Ora! Porque não sou capaz? Eu já fiz o segundo exame.

— Bem sei que és muito sabido.

— Então se sabes, porque te não hei-de ensinar?



— Porque... olha: porque te não queres incomodar comigo. Se fosse como a filha do tio José Cantigas... Essa é outra loiça...

— Lá vaes tu a dizer tolices. Eu quero saber tanto dessa delambida como da minha avó torta; são falares do povo. Já te disse um rôr de vezes que só gosto de ti.

— Pela tua salvação, Octavio?

— Pela minha salvação, Fernanda. Juro-te por aquela rosa divina que nos está a alumiar...

— Agora, sim; agora acredito. E se eu fôr ruda?

— Não has-de ser rude não, rapariga. Todas as pequenas lindas aprendem bem.

E, dizendo este galanteio, foi sentar-se junto da pastora. Os dois estiveram calados por longo tempo, olhando se com carinho, nesse doce afecto que a simpatia empresta ás almas que se aproximam. Um pequeno rubor tingia agora as faces de Fernanda, até ali um pouco desbotadas pela frescura que envolvia o local. Esse rubor aumentou mais ainda quando o seu companheiro lhe pegou numa das mãos para observar se ela trazia ainda o anel de coralina que lhe havia comprado nas tendas de S Lourenço.

— Deixa-me; parece-me que é um pecado os rapazes brincarem assim como tu estás a fazer comigo.

— E's doida! Então porque é pecado eu pegar-te namão?

— Não sei; sinto uma coisa aqui no peito e fico envergonhada.

— E não sabes então o que é essa coisa?

— Eu não, mas tu que es tão sabido podes dizeres-me que aflicção é esta.

— Pois sim; um dia digo-te. Quando formos maiores.

E calaram-se novamente. A Fernanda pegou na meia e o companheiro, deitando-se de bruços sobre a relva, abriu o livro. Minutos depois, ao aproximar-se o rebanho para a sombra, o Octavio interrompeu a

leitura e, apontando uma ovelha branca que se entretinha a fazer tagate, ao *Mondegos*, disse:

— Já puzeste o nome áquela ovelha anal?

— Não; tem me esquecido. Queres tu batista-la?

— E' já. Ela vem á mão? Não é arisca?

— Se vem; queres vêr?

A Fernanda então tirando do cesto da meia umas migalhas, virou-se para a ovelha e chamou:

— Chiguita! Chiguita. Anda cá nina!

Imediatamente ela se aproximou da sua pastora, balando, muito satisfeita, até chegar com o focinho estreito á mão que segurava as migalhas. Abria a boca, deixando ver duas filas de dentes muito afiados e brancos. Neste momento o Octavio agarrou-a pelo pescoço e disse-lhe com ar solene:

— Vocemecê fique sabendo que de hoje em diante se chama *lindita*— ouviu?

E a Lindita, sacudindo bruscamente a cabeça fugiu, apressada, para junto das companheiras.

Lá em baixo no povo o sino anunciava as onze horas.

Era tempo de se se chegarem a casa; as ovelhas poderiam amarrar e depois seria um castigo para elas caminharem. Levantaram-se e puzeram-se á frente do rebanho. O *Mondego* se encarregaria de tocar as mais arredias.

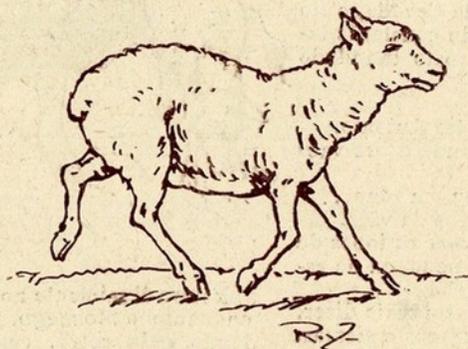
A' entrada do povo, quando se separaram, o Octavio lembrou ainda á companheira:

— Não faltes. Amanhã lá te espero com o livro e a pedra.

— Olha se me havia de esquecer.

— Então adeus, Fernanda.

— Adeus, Octavio, até logo ou até amanhã, se Deus quiser...



Do livro em preparação
«A Filha da Tecedeira»
Scenas da aldeia

CESAR ANJO,

Secção Editorial de O SECULO

Porque, Com E "O Romance "Colecção de Romances Ilustrados,,
Para Que? Popular,,

(Enciclopedia Popular Ilustrada)

Volumes publicados:

- O «milagreiro» de Nancy
- Maravilhas do Infinito
- Estados Unidos do Brazil
- Gravidez e Maternidade
- A nobre arte
- Como se fala com os mortos
- A Fisica em 26 lições
- Boas maneiras
- Os segredos da atmosfera
- Aves de caçoeira
- Foot-ball
- Magia e feitiçaria
- Rendas de «Filet»
- A agua

Preço avulso, 50 centavos

Série de 12 numeros
5 escudos

Volumes publicados:

- «O GUARANY», de José de Alencar
- «A ILHADOS TRINTA TUMULOS»,
de Maurice Leblanc

Preço avulso, 2 e 3 escudos

«Alma Antiga,,
(Portuguez de lei)

Romance de Eduardo de Noronha

Preço avulso, 6 escudos

Volumes publicados:

- «O ARCO DE SANT'ANA», de Almeida Garrett
- «CARMEN», de Prosper Mérimé
- «CADEIA DE CRIMES», de Guy Torne
- «O HOMEM DA ORELHA QUEBRADA», de Edmond About
- «QUO VADIS?», de Henri Sienkiewicz
- «CATOLICOS E HUGONOTOS», de Prosper Mérimé
- «A RELIGIOSA», de Diderot
- «NETOCHKA», de Dostoiéwsk

Preço avulso, 1 escudo

Série de 12 romances,
10 escudos

A Comemoração do 9 d'Abril

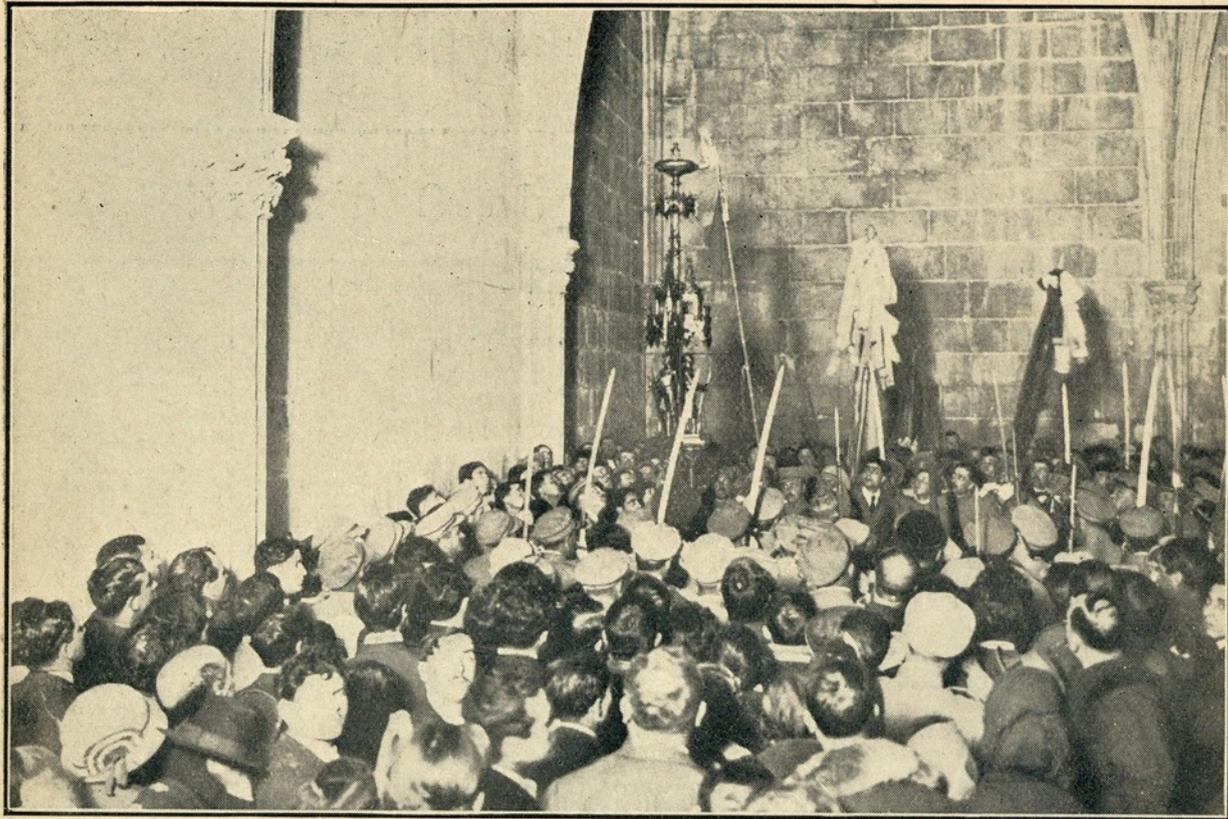


Tumultuação, na Sala do Capitulo do Mosteiro da Batalha, dos Soldados Desconhecidos Portuguez's

Importante cerimonia realisada no dia 7, em presenca dos representantes do Governo e da Camara Municipal da Batalha, do prior da vila, contingentes militares e muito povo.

(Cliché Salgado.)

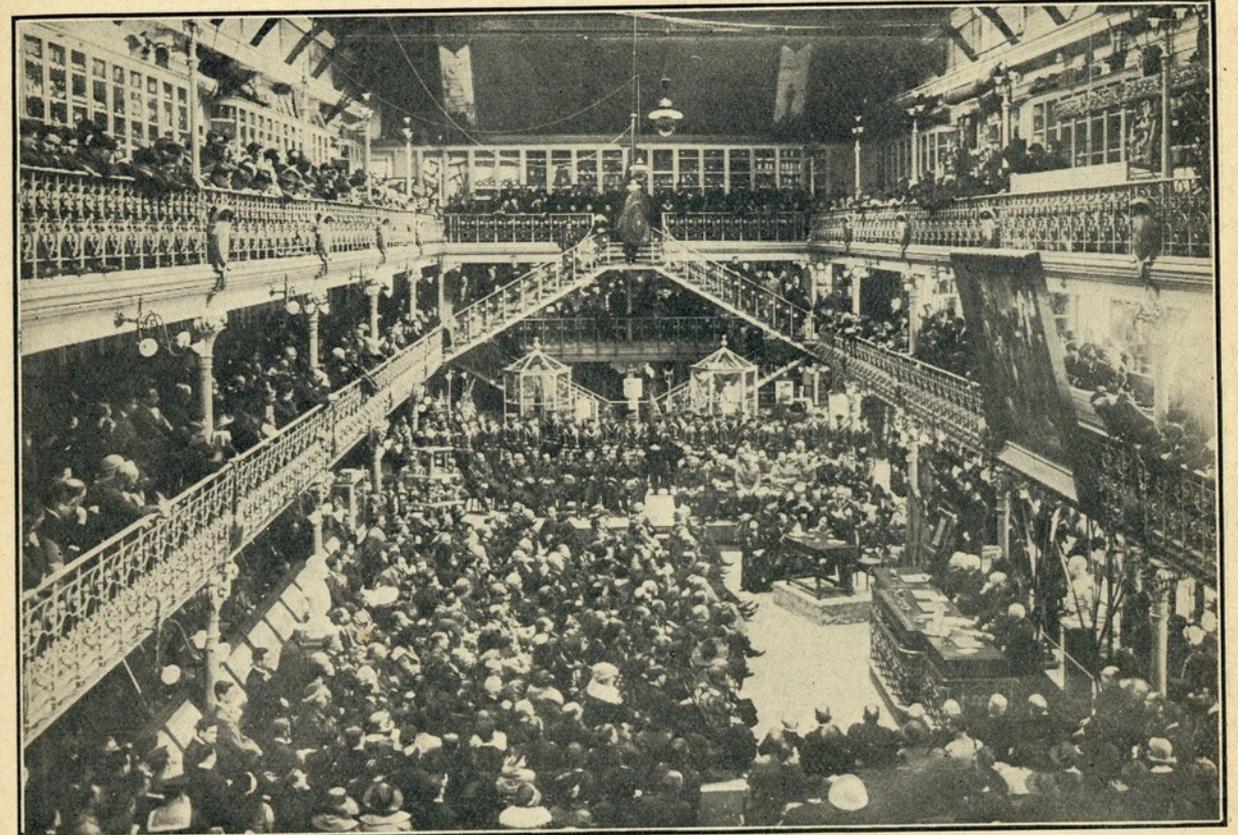
A COMEMORAÇÃO DO 9 DE ABRIL



O sr. ministro da Guerra acendendo o Lampadario da Sala do Capitulo do Mosteiro da Batalha—Chama da Patria—que perdurará por todo o sempre junto do tumulto dos Soldados Desconhecidos Portuguezes.



Em seguida á cerimonia da tumulisação dos Soldados Desconhecidos, no Mosteiro da Batalha, toda a assistencia, por proposta do presidente do respectivo Municipio, sr. Simão Correia, observou, recolhidamente, um minuto de silencio, de joelhos.



Imponente aspecto da Sala Portugal da Sociedade de Geographia, por ocasião da sessão solemne, em homenagem á Armada Portuguesa, pelos seus feitos durante a Grande Guerra, promovida pela Comissão dos Padrões e realisada, no dia 9, sob a presidencia do Chefe do Estado.



Aspecto da Praça de D. Pedro, de Lisboa, por ocasião dos dois minutos de silencio, ás 17 horas do dia 9.



Convivas ao almoço oferecido, no dia 2 do corrente, no Café Tavares, ao delegado dos correios da Suecia sr. Sven, Svenmerck, pelo director geral dos correios, sr. Antonio Maria da Silva. A' direita deste o homenageado figurando, mais, no grupo, os srs. Mousinho d'Albuquerque, Adalberto Veiga, Bernardo Eariolmeu, Moniz Maia e Aragão e Brito, funcionarios superiores dos Correios e os srs. Rodrigues Alves e Raul Caldeira, secretarios do sr. Antonio M. da Silva

Silvestre Bernardo Lima

A comemoração do 1.º centenario do nascimento do illustre zootecnista

Na Escola de Medicina Veterinaria realisou-se, no dia 1 do corrente, uma sessão solemne comemorativa do 1.º centenario do nascimento do illustre zootecnista e professor Silvestre Bernardo de Lima, presidindo ao acto, que foi revestido de grande Imponencia, o Chefe do Estado.

A' noite, no edificio da mesma Escola, efectuou-se, ainda, um brilhante sarau, comemorativo, tambem, da data, a que assistiram mais de 400 convidados.



O sr. Presidente da Republica e os professores da Escola de Medicina Veterinaria, á entrada do edificio da mesma Escola

Um aspecto da assistencia ao sarau

(Cilchés Salgado.)

O "RAID" AEREO LISBOA-MACAU



COM a partida do campo do Grupo de Esquadrihas de Aviação "Republica", da Amadora, para o de Vila Nova de Milfontes, do aparelho *Patria*, tripulado pelos capitães Sarmiento Beires e Brito Paes, efectuou-se, no dia 2 do corrente, o início do *raid* aereo a Macau, que aqueles dois ilustres aviadores portugueses estão tentando. Devido ao mau tempo a primeira etape do mesmo *raid* só poud ser, por sua vez, iniciada no dia 7, sem que, ainda pelo mesmo motivo, os destemidos aviadores a conseguissem completar, pois tiveram de aterrissar, aliás nas melhores condições, em Malaga.

Fazendo votos por que os anaes da aviação portuguesa registem mais uma pagina de gloria, a *Ilustração Portuguesa* envia ao *Patria* e aos seus tripulantes as suas mais entusiasticas saudações.

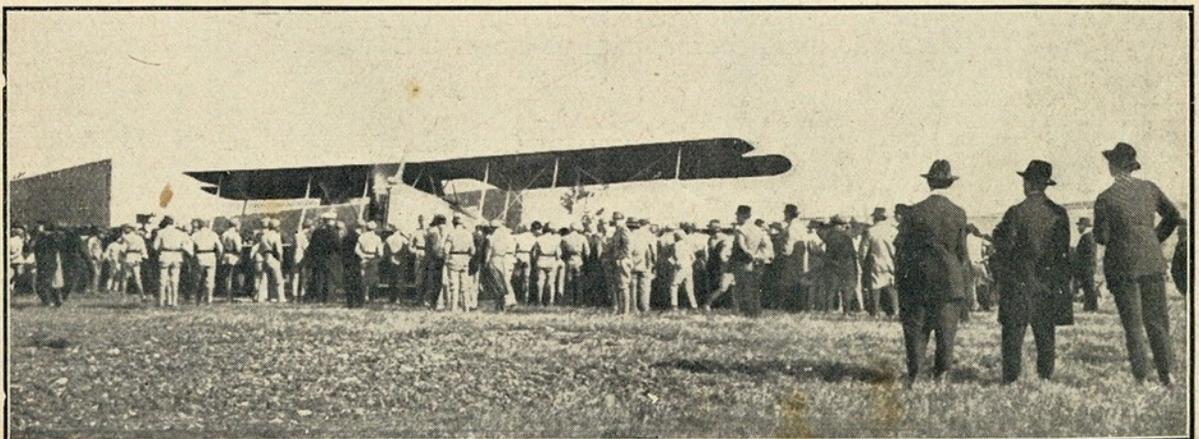
O "*Patria*" no momento de largar da Amadora para Vila Nova de Milfontes



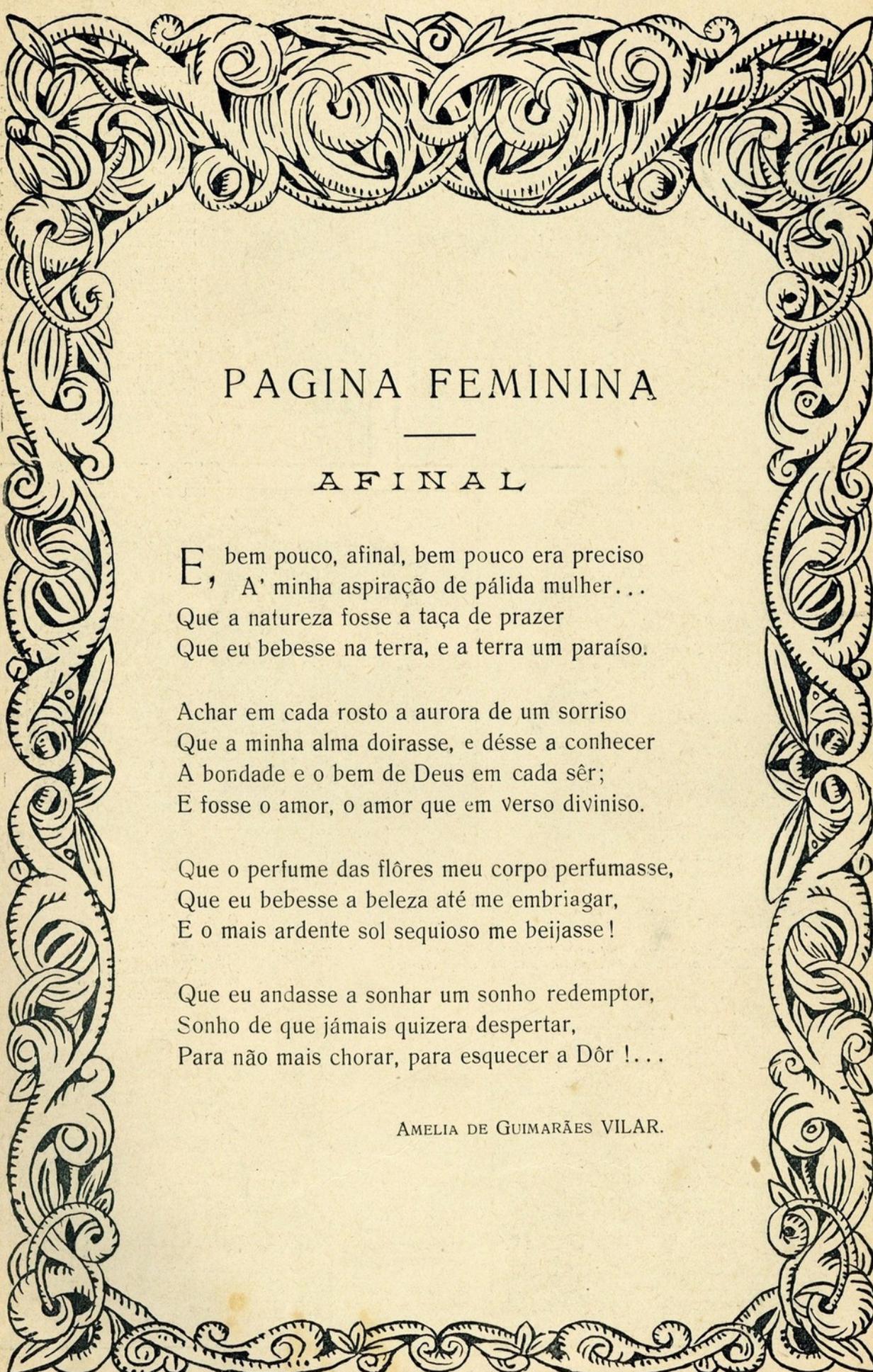
Os aviadores capitães Sarmiento Beires e Brito Paes, com o sr. Antonio Maria da Silva, no campo da Amadora, no dia da partida



O sr. D. José do Patrocínio Dias, reverendo bispo de Beja, que no dia 4, no campo de Vila Nova de Milfontes, lançou a benção sobre o aparelho



Momentos antes da largada do aparelho



PAGINA FEMININA

A F I N A L

E bem pouco, afinal, bem pouco era preciso
A' minha aspiração de pálida mulher...
Que a natureza fosse a taça de prazer
Que eu bebesse na terra, e a terra um paraíso.

Achar em cada rosto a aurora de um sorriso
Que a minha alma doirasse, e dêsse a conhecer
A bondade e o bem de Deus em cada sêr;
E fosse o amor, o amor que em verso diviniso.

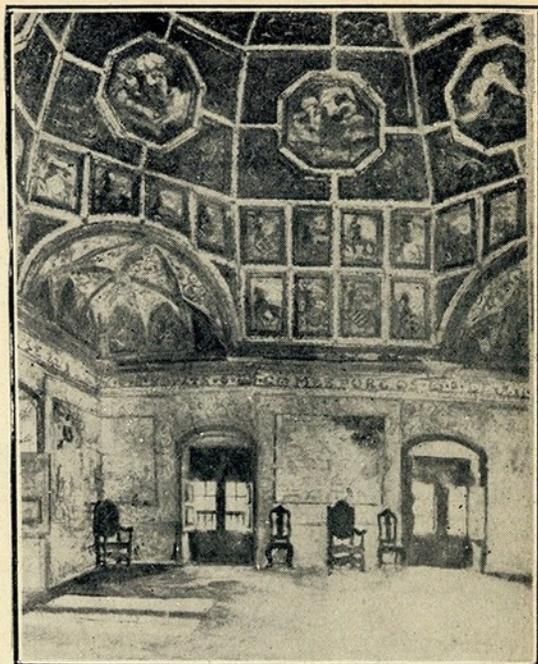
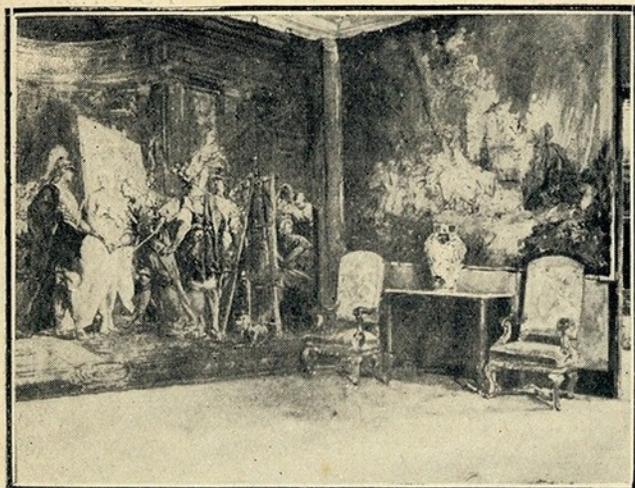
Que o perfume das flôres meu corpo perfumasse,
Que eu bebesse a beleza até me embriagar,
E o mais ardente sol sequioso me beijasse!

Que eu andasse a sonhar um sonho redemptor,
Sonho de que jámais quizera despertar,
Para não mais chorar, para esquecer a Dôr !...

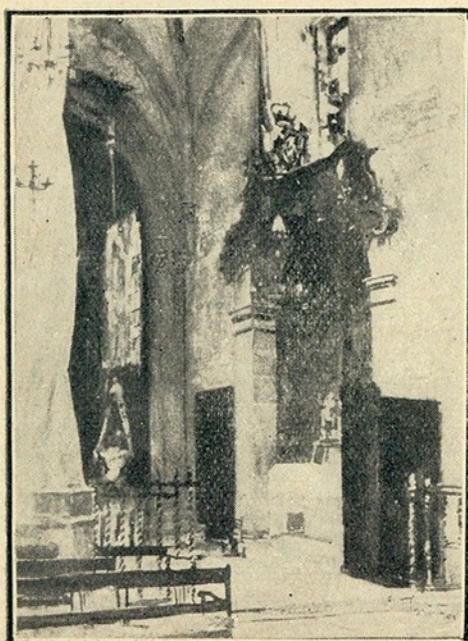
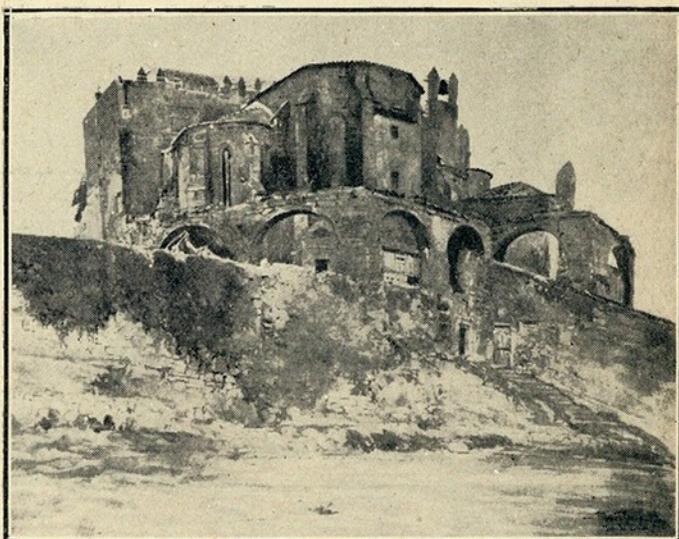
AMELIA DE GUIMARÃES VILAR.

Aquarelas de Alberto Sousa

Uma nova e brilhante exposição inaugurada, no dia 13, no Museu do Carmo



Alberto Sousa



Alguns dos quadros expostos

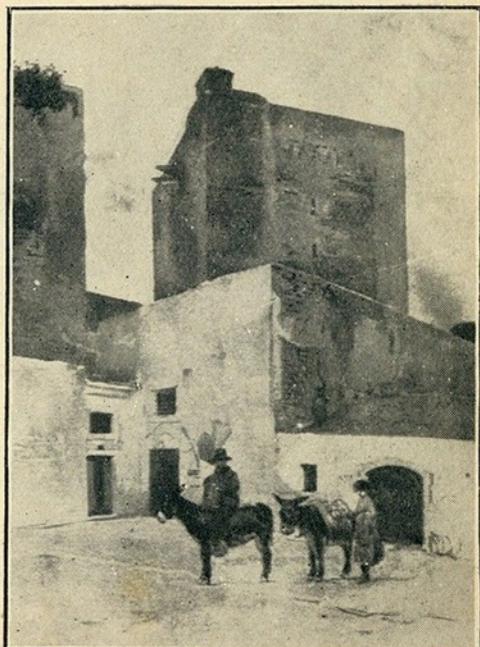
1—Sala dos Gobelins, no Palácio Nacional de Cintra (adquirido para o Museu d'Arte Moderna)

2—Sala dos Braços, do mesmo palácio

3—Convento Velho de Vila do Conde.

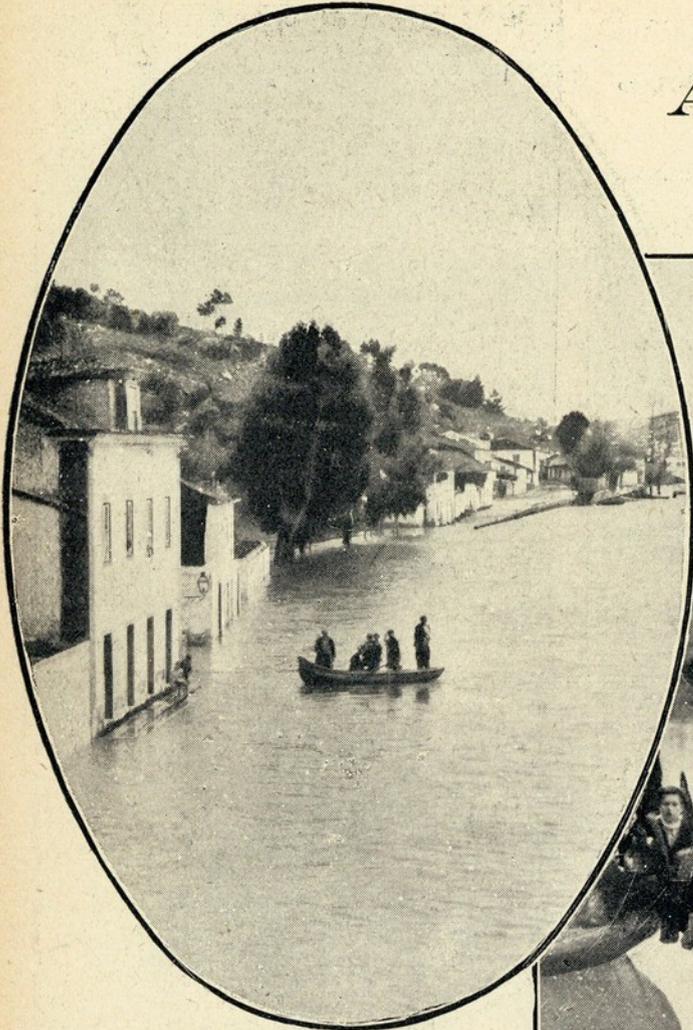
4—Interior da Igreja da Madalena (Oliveira),

5—Torre de menagem do Castelo de Oliveira.

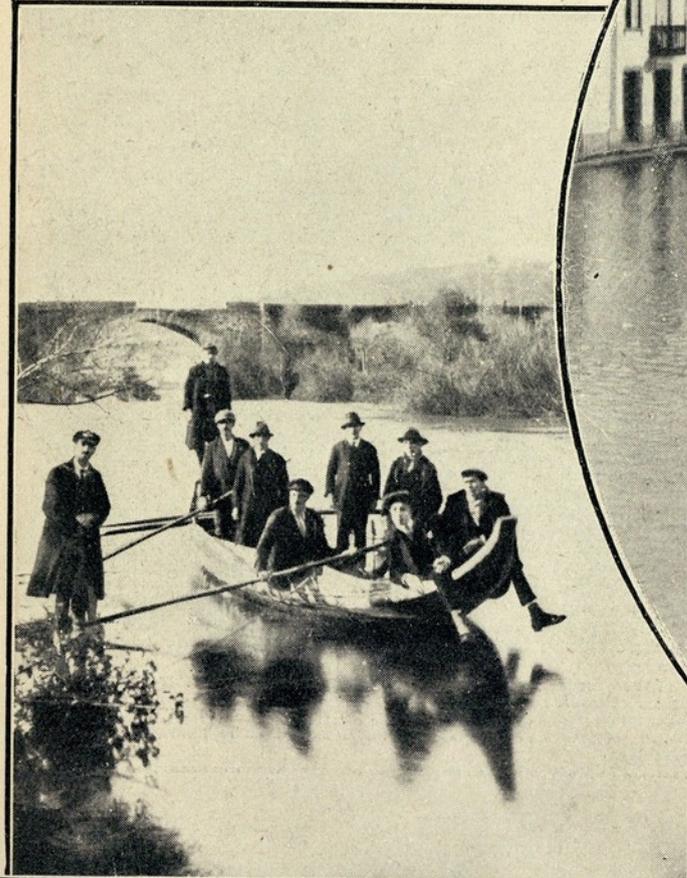
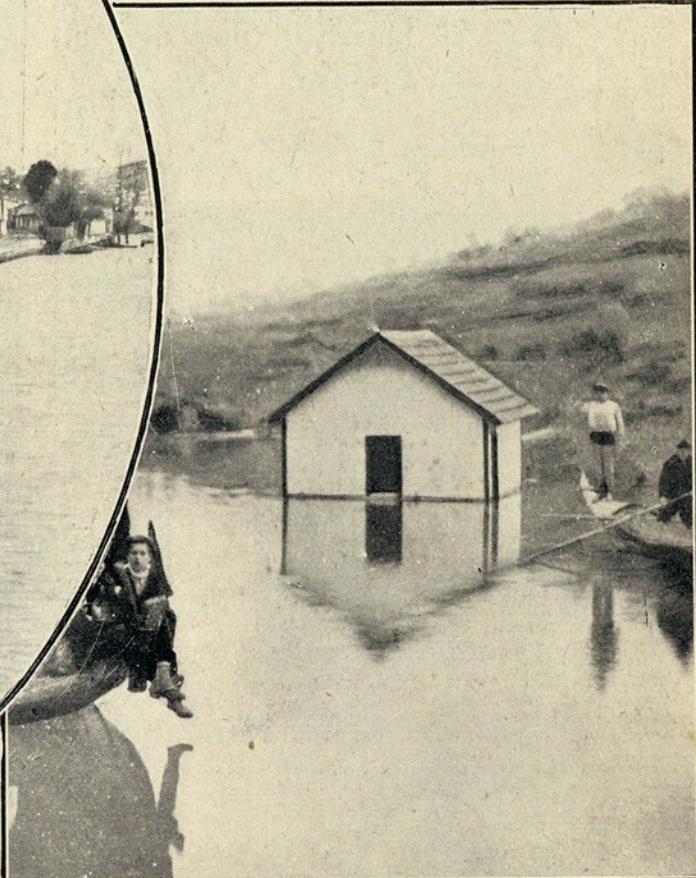


A DESPEDIDA DO INVERNO

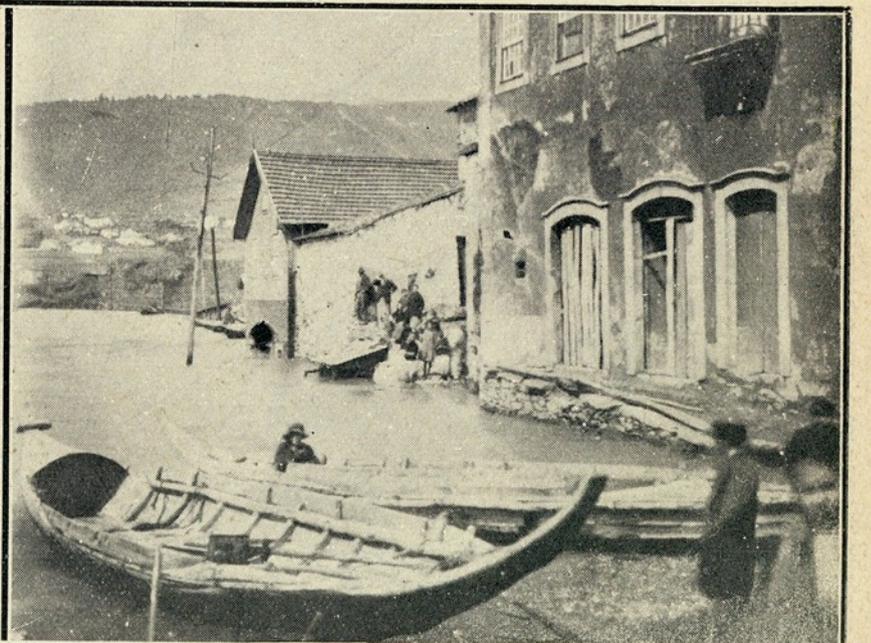
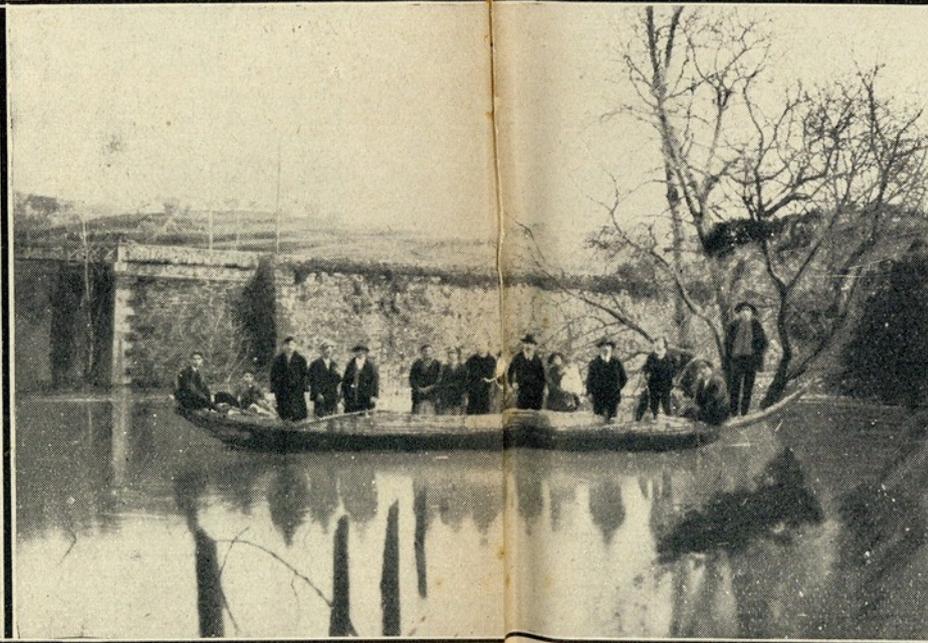
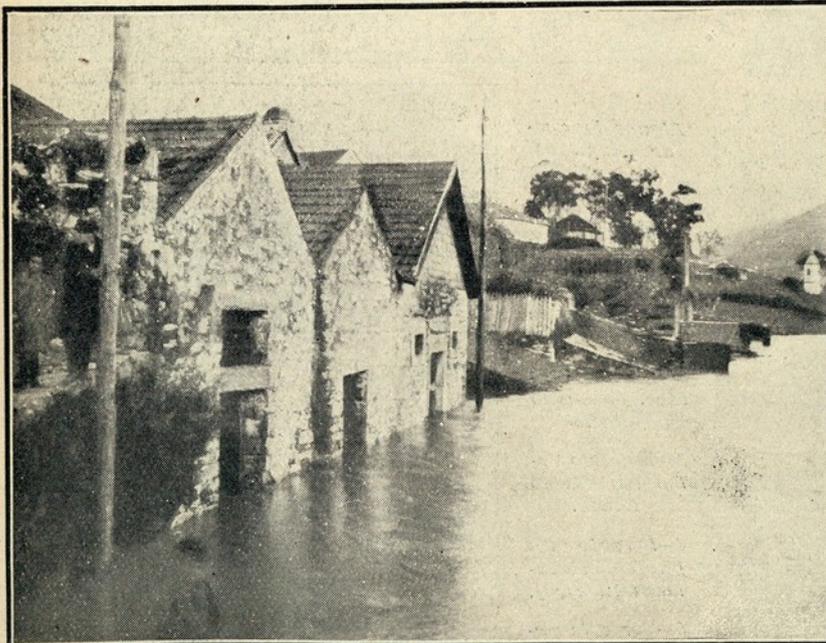
AS CHEIAS NO RIBATEJO E NO DOURO



A cheia em Vila Nova da Barquinha, vista a uma das janelas dos Paços do Concelho. Ao fundo a povoação denominada Arrepiada (Cliché Brito Alves.)



Um largo e ruas próximas, em Vila Nova da Barquinha, inundados pelas águas (Cliché Brito Alves.)



Um trecho do Vale de Jogueiros (Regua)

Um aspecto da cheia nos campos de Varosa (Regua)

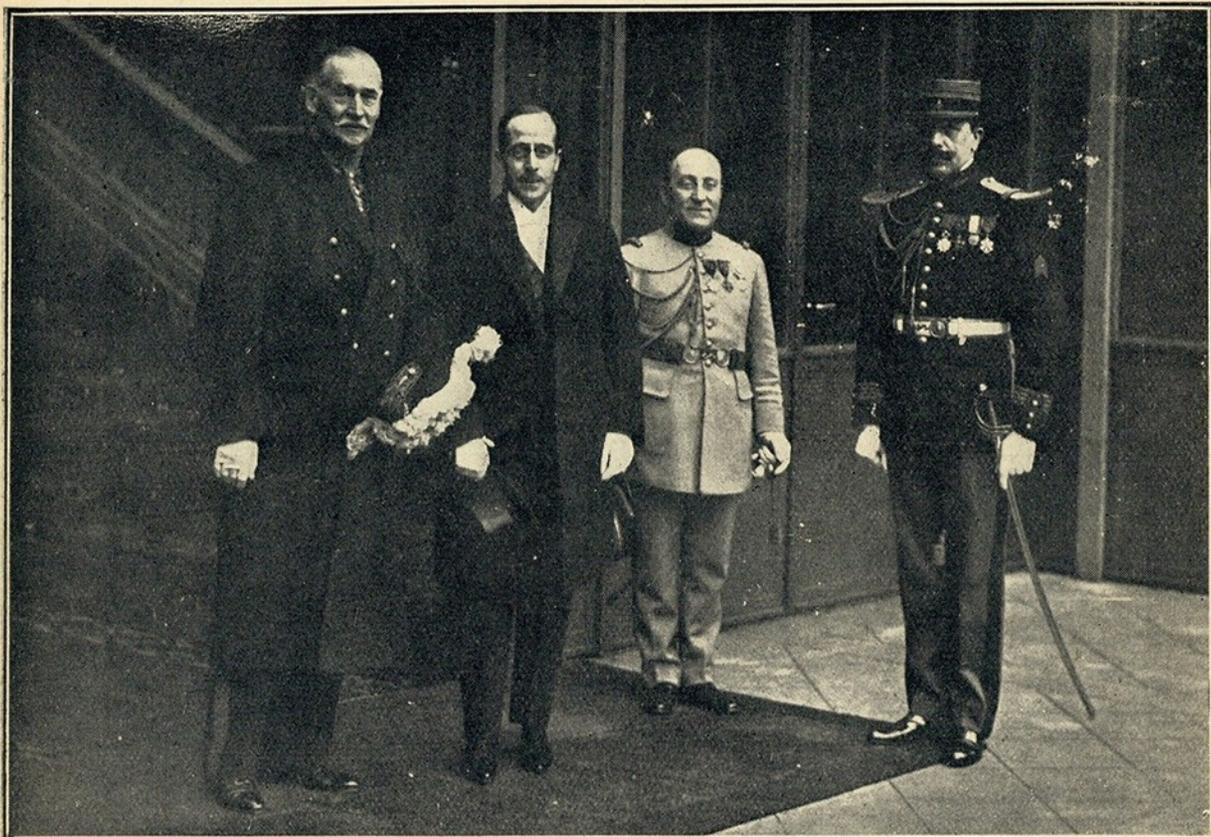
O bairro de Midões, Regua (armazens e casebres inundados pela cheia do Douro)

Outro aspecto dos campos da Regua, inundados pela cheia do rio Douro

Um dos batros ribeirinhos da Regua inundados pelo Douro

(Clichés Antonio Teixeira.)

O NOVO MINISTRO DE PORTUGAL EM PARIS



O sr. dr. Antonio da Fonseca á saída do Palacio do Ilyseu onde, no dia 4, fez entrega das respectivas credenciaes, ao Presidente da Republica Franceza

Da esquerda para a direita: Mr. de Fouquière, chefe do protocolo do ministerio dos Estrangeiros; o ministro de Portugal; o coronel Mr. Fontana, da casa militar do Elyseu e o comandante Mr. Martin, da companhia de infantaria 23, que fez a guarda de honra ao diplomata portuguez

LACTARIO DA FREGUEZIA DE S. JOSÉ

Comemorando o 10.º aniversario da sua fundação, realisou-se, no dia 6, na sede desta prestimosa instituição de assistencia infantil, na rua Alves Correia, uma sessão solemne, a que presidiu o Chefe do Estado, seguida de distribuição de pre-



Moreira de Sá



Musico distinctissimo, director e fundador do Conservatorio de Musica do Porto, falecido naquela cidade, no dia 2 do corrente



mios a diversas mães de creancinhas subsidiadas pela mesma instituição, que maiores cuidados tem dedicado ás referidas creancinhas.

Usaram da palavra varios oradores pondo em justificado relevo a obra do Lactario, tendo sido o acto, que esteve muito concorrido, abrihantado por um quincto.

As nossas gravuras representam o sr. Presidente da Republica com os membros da Direcção do Lactario e aspecto da assistencia um á sessão solemne.

(Clichés Salgado.)

Moulin'o de Albuquerque



General, antigo comandante de cavalaria 4 e da 4.ª brigada de cavalaria, falecido, no dia 6, em Santarem

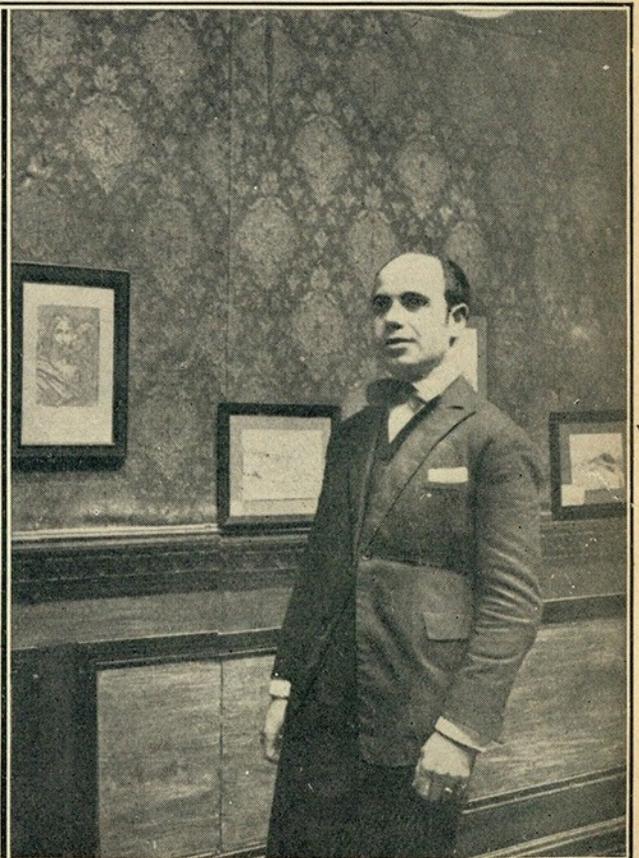
ARTE E ARTISTAS



Um aspecto da 21.ª exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, inaugurada, no dia 5, do corrente, com a assistência do Chefe do Estado



O sr. Presidente da Republica visitando a exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, por ocasião da sua inauguração



*O artista sr. Jorge Fino no Salão Bobone, onde inaugurou, no dia 6, a sua exposição d'guarelas
(Clie . . .)*

A RECITA DE DESPEDIDA DOS QUINTANISTAS DE MEDICINA DO PORTO



Abílio de Mesquita

PROLOGO DÀ PEÇA « ADEUS »!... RECITADO,
ANTES DE SUBIR O PANO, POR UM QUIN-
— TANISTA DE CAPA E BATINA —

CHEGOU enfim a hora de partirmos,
A hora mais amarga e dolorida...
Acabaram-se as noites de boémia,
E' preciso viver outra vida!
As nossas capas negras e velhinhas
Que viveram connosco longos anos,
Vamos deixal-as para sempre, em troca,
De muitas máguas, dôr's e desenganos.
E de toda esta vida descuidada,
De toda esta risonha mocidade,
No nosso peito fica amortalhada
Uma visão d'amor e uma saudade.
E pela vida em fóra, quantas vezes
Havemos de passar horas inteiras
A lembrar tristemente o que fugiu,
Essas visões d'amor, as mais fagueiras!
Lembrar! E, novamente reviver
Os dias mais longinquos da saudade,
E' colocar, a par da Fantasia,
A mais cruel e triste realidade.
E assim, nas longas noites dos serões,
No descanso do nosso labutar,
Os folguêdos e sonhos de rapazes
Pela nossa memoria hão de passar.
E as noites de vigilia, os dias d'acto,
Os livros, relatorios e sebatas,
As colicas tremendas para exame,
E a a egría depois dessas tormentas?
Depois recordaremos com saudade.
E afinal é bem triste e atribulada —
Esta vida em que alguém (!) nos habitua,
A madrugarmos mais que a madrugada!
Quantas vezes, d'Inverno, nós passamos
Em direcção ás aulas do Hospital
Por esses carros a apanhar o lixo
Emquanto sopra a brisa matinal.
E em plena Primavera, no caminho,
Vem-nos cumprimentar o sol levante
Que nos diz num sorriso d'ironia :

— Isso é que é madrugar, sôr estudante!
Nem sequer adivinha o astro-rei
Que nós temos um toque d'alvorada
E o nosso comandante não perdôa
O mais pequeno atrazo na chamada.
Inergico, tigrino, carrancudo,
Mantem severamente a disciplina.
Emfim... o quinto ano é o quartel
E o calabouço atroz da medicina.
Mas para amenisar esta tortura,
Esta maaeira triste de viver,
Encontramos apenas lenitivo
N'um sorriso ou n'uns olhos de mulher!
E quantos sonhos, confissões d'amor,
Quantos beijos que nunca mais se esquece;
E' que n'uns labios rubros de mulher
A mais intensa dôr desaparece!
E pelas lindas noites de luar,
Desse luar que em sonhos se desata,
Quantos beijos d'amor e juramentos,
Quantos sonhos e quanta serenata!...

E tudo vae morrer, tudo se esvae...
Como á tardinha se desfaz o fumo,
Assim os nossos sonhos se desfazem
Em troca d'outra vida, d'outro rumo!
Vamos partir. Comnosco levaremos
As maior's e melhor's recordações
Que mais tarde, volvidos muitos anos,
Hão de ser a alegria dos serões.
Mas queremos deixar junto de vós
Uma lembrança, á hora da partida!
Recordar é viver! Por isso mesmo
E' uma recordação a despedida.
O que ides vêr, sem Arte nem poesia,
E' um pouco desta vida d'estudante;
E' tristemente o derradeiro adeus
Da nossa mocidade agonizante.
Não tem valor o que ides vêr... deixá-lo;
Obra sem Arte não requer trofeus...
O que nos trouxe aqui foi o desejo
De vos dizer singelamente; — Adeus!...

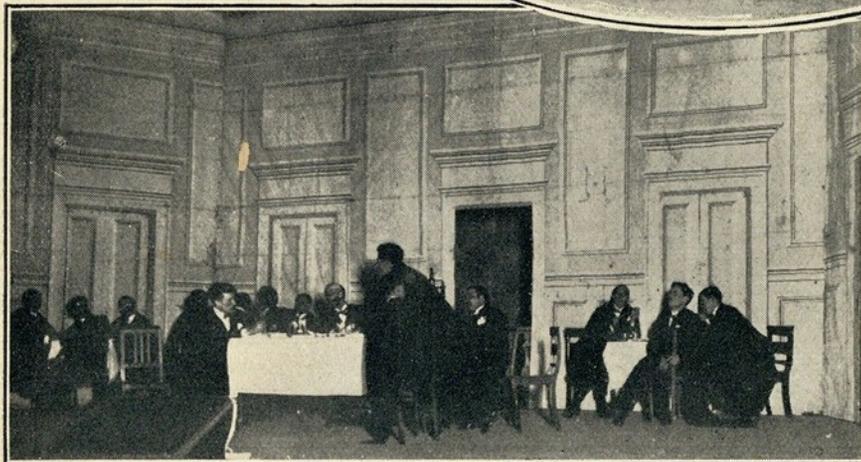
(1) Prof. Tiago d'Almeida.

DUAS RECITAS DE ESTUDANTES, NO PORTO

REALISARAM-SE, recentemente, no Porto, duas recitas de academicos que obtiveram grande exito, recitas ás quaes se referem as gravuras que publicamos.

Figuram, na primeira, os personagens da revista «Onde vais... ó mascarara?» que, já representada no Carnaval com retumbante successo, foi repetida, desta vez em recita cujo producto reverteu para o Hospital da Misericordia, no Teatro de S. João.

No mesmo Teatro, na noite de 31 de março findo, se realisou a recita de despedida do 5.º anno medico do Porto. Tendo tido igualmente o respectivo producto, um fim humanitario—pois reverteu em favor das clinicas medico-ci-



rurgicas do mesmo Hospital. Nesta recita foi representada a peça «Adeus!», em tres actos e prologo em verso (o qual publicamos na pagina fronteira) do nosso illustre colaborador e tambem quintanista sr. Abilio de Mesquita, musica do seu colega Fausto Gomes de Oliveira e do sr. dr. Mod. sto Osorio. Reproduz, a segunda gravura, uma scena do segundo acto da referida peça «Adeus!», sendo de notar — e de agradecer — o facto de, tanto nesta peça, como na revista «Onde vais... ó mascarara?», se fazem as mais ilustres referencias á «Illustração Portuguesa» e ao seu colaborador fotografico, no Porto, sr. André Moura, que, caricaturado por um estudante, figura, mesmo, em todo um quadro da revista.

(«Clichés» André Moura.)

CASAMENTO NA PROVINCIA



A sr.ª D. Ana de Castro, filha do importante proprietario de Gondomar sr. Manuel de Castro, e o tambem abastado proprietario sr. David Neves, cujo casamento se realisou, recentemente, naquela localidade, em casa dos paes da noiva («Cliché» André Moura)

"Estrelas" e "Ates" do Cinema



Irene Vernon Caste



A actriz Elsie Ferguson



Gloria Swanson

MAIS um *film* francez, que obteve grande exito nos *écrans* parisienses.

A pelicula intitula-se *Grand' mère* e é um dos melhores trabalhos da *estrela* franceza Geneviève Felix.

Grand' mère tem um entretcho simples, mas curioso.

«O contra-mestre Pierre Marlet vive feliz na companhia da sua velha mãe, de sua mulher Geneviève e dos seus dois pequeninos.

Geneviève, frivola, e egoista, sofrendo a custo a sua mediocridade, cede a Valaurin, que, apaixonado por ela, lhe oferece uma vida de grande luxo.

Morlet, desesperado, deixa o paiz para esquecer a sua desventura, fi-

cando as duas creanças entregues á avó.

Uma noite a doença ameaça seriamente a existencia do mais velho dos filhos de Marlet. A creança, no delirio, chama pela mãe, e a avó, esperançada no amor materno, que decerto não devia ter abandonado, por completo o coração de Geneviève, procura-a no meio duma brilhante *soirée*.

Geneviève sente remorsos do que fez e acompanha a sogra.

O coração duma mãe consegue, muitas vezes, operar curas milagrosas, e é assim, que a creança melhora.

No meio da noite,

um homem aparece, Marlet, de que o perdão lança o definitivo apaziguamento do lar reconstituído».

No desempenho mereceu especiaes elogios a actriz Jalabert e o actor Silvio de Pedrelli, que, ao lado de Geneviève Felix, muito contribuíram para o exito, que a pelicula obteve.

— *Viagem de recreio* é o titulo dum *film* extraído duma engraçada comedia de Gondinet e A. Bisson.

«Suzor é um honrado comerciante, que adora sua mulher Gráce, fugindo sempre á tentação de a enganar.

Porém, uma vez que Gráce estava em casa da familia, numa aldeia proxima, um amigo de Suzor, Brocard, encarrega-se de o fazer escorregar para o caminho da traição.

Suzor manifesta-se de tal maneira, que numa das suas noites de pandega, em virtude duma desordem que provocara, é preso e condenado a quinze dias de prisão.



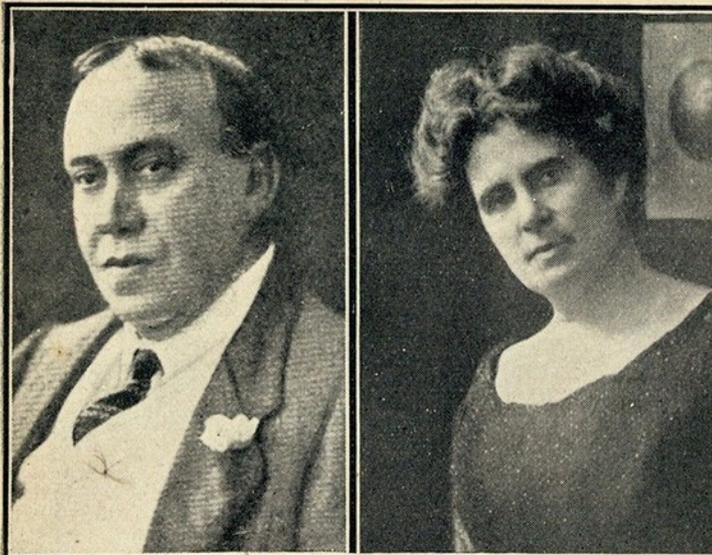
A estrela italiana Pina Menichelli



Pablo Prou de Vendrell, da Hispano-Films

Brocard vai ao encontro de Gráce e persuade-a da necessidade duma viagem a Italia, durante a qual Suzor cumpriria a pena que lhe fôra imposta.

Gráce vem a ter conhecimento de tudo, como aliás era de esperar, mas perdôa ao marido, que, por seu turno, jura não tornar mais abandonar os seus pacatos habitos de vida.



O secretario da Academia Brasileira de Letras, sr. Filinto d'Almeida, e sua esposa a sr.^a D. Julia Lopes d'Almeida, distintissima escritora, esperados por estes dias, em Lisboa, onde deverão chegar a bordo do vapor Bagé.

FESTA DA FLOR



Algumas das senhoras que promoveram, no dia 3, uma Festa da Flor, a qual rendeu cerca de oito contos, em favor do Lactario S. José, simpatica instituição a que nos re'eritmos n'outro lugar.

Artista do teatro da Trindade, que all realiza a sua festa depois d'amanhá, na opereta "O Tourador", que se representará n'essa noute. (Cliché Foto-Brasil).

O NAUFRAGIO NO RIO MINHO

JOÃO PEREZ



Da direita para a esquerda: Antonio José Gonçalves Torres, o "Antonio Molço", arraes do barco que se voltou, no dia 1, no sitio do Cabedelo e que pereceu afogado, bem como o menor Domingos, seu filho e os pescadores de savet: José Antonio Rocha, o "José Pireca" Abílio Antonio Domingues, o "Garrula" e Antonio Sedeiro.

Proprietario da fabrica de caldeiras da Calçada da Boa Hora, falecido em Lisboa, no dia 2.

"A la fé!"



PEÇA HISTÓRICA, EM VERSO, DE ALFREDO CORTEZ

No Politeama subiu á scena o terceiro trabalho dramático do sr. Alfredo Cortez. Depois de *Zilda*, comédia dramática, que obteve êxito, e de *O Lódo*, drama realista e gran-guinholesco, representado apenas uma vez, por assim o resolver o autor, surge *A la fé!*, peça histórica, em verso. Hão de ter notado que o sr. Alfredo Cortez não escolhe títulos que tenham mais títido das seis letras nos títulos. Tenham as obras ou menos de cinco letras. Parece tratar-se de uma superstição idêntica á de Henri Bernstein, que é parvidadeiro merecimento que pouco nos importa que os autores sejam supersticiosos ao ponto a que o são os dramaturgos da *Griffe* e do *A' la fé!* De Victor Hugo escreveu-se que fôra dramaturgo por um acto energico da sua vontade. Do sr. Alfredo Cortez pode dizer-se que foi poeta por um motivo semelhante. Homem que tem a paixão do teatro, e que em todos os seus trabalhos revela extremos cuidados de construtor dramático e, sob este aspecto, excellentes qualidades, após haver escrito em prosa, a qual não denuncia um poeta, quiz escrever em verso e, voluntarioso como raros, conseguiu-o. Afastou-se, porém, dos processos consagrados. A escola de Hugo, o verso dramático resurgido com Richepin e Rostand, e que em Portugal tiveram cultores como Henrique Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita e João da Câmara, não o captivaram. Por calculo de defeza, ou por suposta vantagem esthetica, o sr. Alfredo Cortez adoptou a variedade de metro, não se cingindo apenas ao alexandrino. O drama não foi um mero pretexto para a poesia, porque esta nunca perdeu de vista, antes se amoldou o mais possível, aos episodios e ás situações da obra.

A' la fé! decorre no tempo de D. Sancho II. São fôrtes os primeiros anos da nacionalidade em temas inspiradores e teatraes. Não ha na peça do sr. Alfredo Cortez, por assim dizer, uma profunda obra de imaginação nem uma forte intriga; aproveitou da historia e da lenda tudo, ou quasi tudo, o que elas lhe forneceram, e assim ergueu quatro quadros que, ha quarenta ou cinquenta anos, seriam cinco, pois que um dramaturgo do romantismo, sem se preocupar com a extensão do lavor, não deixaria de incluir nele a scena da visita de Martim de Freitas ao tumulo do Capêlo, em Toledo, para entregar ao desditoso rei as chaves do Castelo de Coimbra. O sr. Alfredo Cortez poz de lado este episodio, provavelmente para não alargar em demasia a peça e tambem para evitar os embaraços de montagem que, sem duvida, era necessario vencer, desde que se quizesse que não fosse mesquinha a realisação dele. Nos quatro quadros de *A' la fé!* deparam-se-nos, como fechos de acto, para os quaes tudo se encaminha, quatro grandes situações. No primeiro é a excomunhão e a deposição comunicadas a D. Sancho pelo seu amigo Frei Gil de Valadares, o famoso dominicano a que chamaram o Fausto portuguez. No segundo é o simulado rapto da rainha D. Mecia Lopes de Haro por D. Raimundo Viegas de Portocarreiro, sequez do conde de Bolonha. No terceiro é a revolta da guarnição do castelo de Coimbra, cercado pelos partidarios do bolonhez, e que Martim de Freitas com um rasgo admiravel de abnegação, que vae até o sacrificio da propria filha idolatrada, logra dominar. O quarto e ultimo quadro, no regresso da jornada de Toledo, é a entrega das chaves a D. Afonso III que as quer devolver ao alcaide heroico e leal, mas que este recusa, amaldiçoando o seu descendente que aceite das regias mãos equal mercê.

O sr. Alfredo Cortez não cedeu a vôos de rasgada fantasia ao compor dramaticamente a «lenda da lealdade». As escandalosas inverosimilhanças que, por

vezes, se notam em trabalhos historicos, os anacronismos que se metem pelos olhos dentro, procurou arredal-os, não indo alem dos factos exarados nas cronicas ou das hipoteses logicamente sugeridas pelos acontecimentos e que á margem deles é possível engendrar e supor. Quem ler *A' la fé!*, quem assistir no Politeama á representação da peça, e não iôr ignorante de todo, verifica sem esforço que o sr. Alfredo Cortez se documentou no proposito de nada ter de inventar além do indispensavel para a justa composição e harmonia adequada ao fundo de cada um dos quadros.

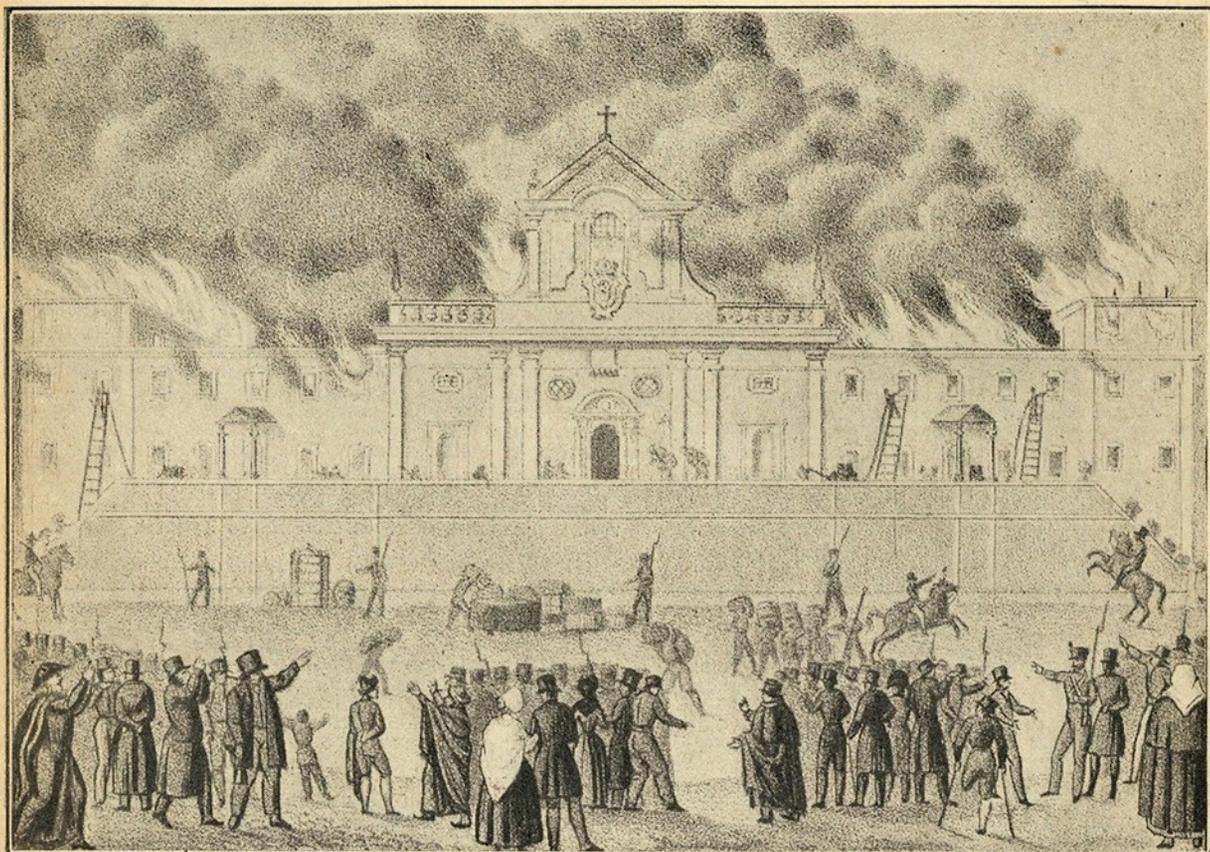
Os versos, que variam conforme as situações e o caracter das personagens, ora irônicos, sarcásticos, sangrentos, como os do bôbo, ora sentimentaes e de recorte lirico, assim os de D. Sancho em torno de D. Mecia, ora com o sabor dos do romancero, taes os da lenda dos Martires de Marrocos, ora solenes e epicos, á maneira camoneana, como os de Martim de Freitas, na esplanada do castelo, se não mostram um fogoso poeta mimado das musas, desentranhando-se em torrentes de imagens e de rimas, ajustam-se, porém, ao ambiente e possuem o colorido e o ritmo proprios. Ha, por vezes, durezas, dissonancia, asperezas nestas estrofes; ha igualmente deliberadas repetições e jogos de palavras que dão, de relance, efeitos gongoricos, mas nunca deixa de haver uma honestidade perfeita e uma nobre virilidade, sob o ponto de vista literario. A linguagem, pretensamente arcaica, é bastante clara para que todos a comprehendam, não tendo o autor abusado da colheita que para o seu vocabulario por certo fez nas opulentas e inesgotaveis fontes que são atos foraes, os cançoneiros, os testamentos, os cronicos e o nosso tão catado *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo...

A companhia do Politeama, fora do seu genero habitual, esforçou-se por interpretar dignamente o *A' la fé!* Entre os interpretes figuram Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro, Gil Ferreira, Raul de Carvalho, Alfredo Ruas, Constança Navarro, etc. Na encenação, Robles Monteiro pressegue afirmando qualidades para essa difficil tarefa. A montagem primorosa. Bons scenarios, executados sobre desenhos de Alberto Sousa e todo o arranjo scenico, bem como o guarda-roupa, excellentes.

Um illustre critico, homem de letras notavel, apreciando *A' la fé!*, declarou-se adversario da exhibição scenica das grandes personagens historicas e referiu que os francezes jamais se atreveram a pôr no tablado o seu Napoleão. Trata-se, evidentemente, de um lapso de memoria. O Bonaparte até em operetas tem apparecido! Quanto a personagens historicas da França, a mais venerada dos francezes, e que hoje tem as honras dos altares, é a gloriosa virgem lorena. Pois Sarah Bernhardt incarnou-a no drama historico, em quatro quadros, de Emile Moreau, *Le Procès de Jeanne d'Arc*, peça que foi admirada e applaudida e que da critica mereceu sinceros encomios. Sobre a forma do acolhimento reservado pelo nosso publico á peça do sr. Alfredo Cortez muito havia a dizer. Não lhe regateou aplausos, mas esteve longe de se entusiasmar e de encher o teatro. Porquê? A deficiencia de cultura geral, a falta de rodriguiños na peça, a ausencia de homogeneidade no desempenho, no qual estão um pouco deslocados alguns interpretes, tudo isso contribuirá para esclarecer o caso. E, no entanto, é de justiça louvar a tenacidade, a intelligencia, a probidade do sr. Alfredo Cortez que tem em *A' la fé!* o seu mais equilibrado e mais bello trabalho.

A. de A.

Ha Muitos Anos...

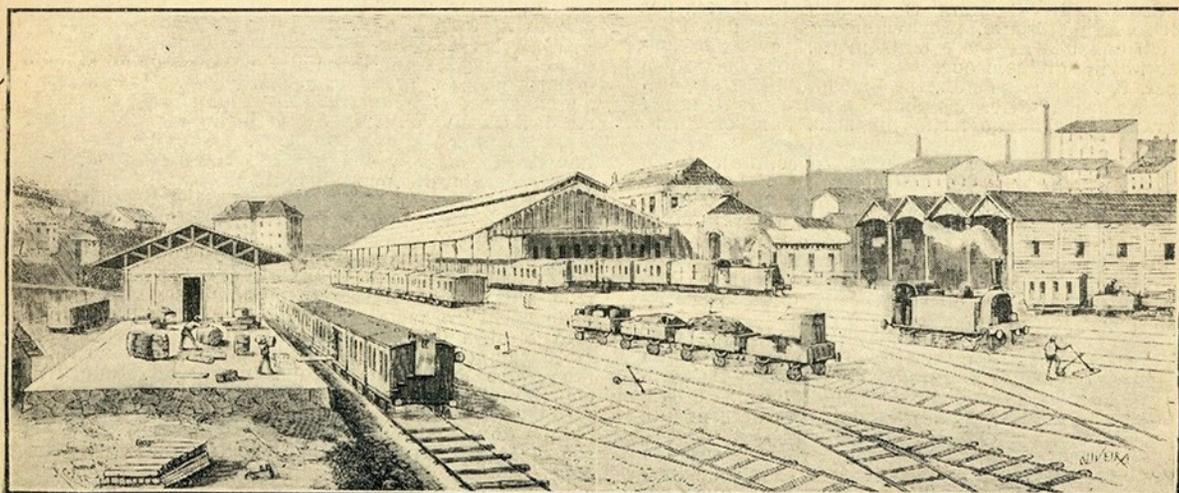


Incendio do Colegio dos Nobres

FOI na tarde de sabado, 22 de abril de 1843, que se manifestou, no edificio do Colegio de Nossa Senhora da Conceição, vulgo Colegio dos Nobres, o grande incendio que reduziu a cinzas todas as dependencias da referida Instituição, creada por doação do duque almirante de Castela D. João Tomás Henrique de Cabrera e mantida, até á sua expulsão de Portugal, pelos jesuitas, testamentários do doador. Os proprios jesuitas, para instalação do colegio, primitivamente sob a invocação de Nossa Senhora, adquiriram «nas terras da Cotovia de S. Bento», o terreno necessario, organisando um magnifico estabelecimento de ensino onde «Insignes homens em talentos e virtudes» foram educados, «levando a doutrina do Evangelho aos remotos paizes que lhes pres-

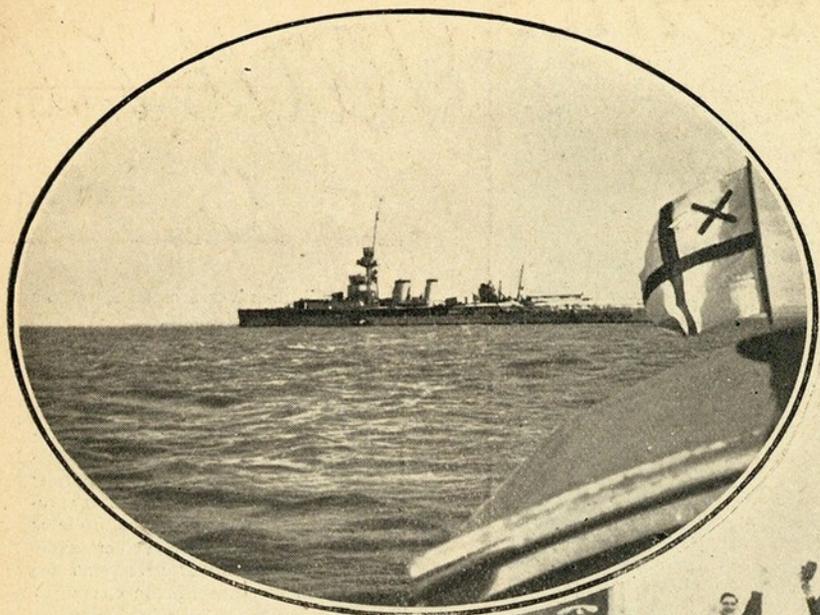
crevera o doador», segundo a noticia a que nos estamos reportando, inserta no semanario *O Ramellete* de 11 de maio de 1843, semanario d'onde igualmente reproduzimos a gravura acima.

Extincta a Companhia de Jesus curou, o marquez de Pombal, de manter o edificio na sua função de «casa de sciencias» para ahi fazend «entrar os filhos dos nobres, a quem procurou os mais sabios mestres, em todos os ramos literarios e assim se conservou até que, saindo os nobres, dali, se continuou sempre a ensinar a mocidade, sem distincção de pess. a», etc. No mesmo local do edificio incendiado foi levantado o da actual Escola Politecnica, sendo o risco desta obra do general sr. J. F. da Silva e Costa, antigo director da mesma escola.



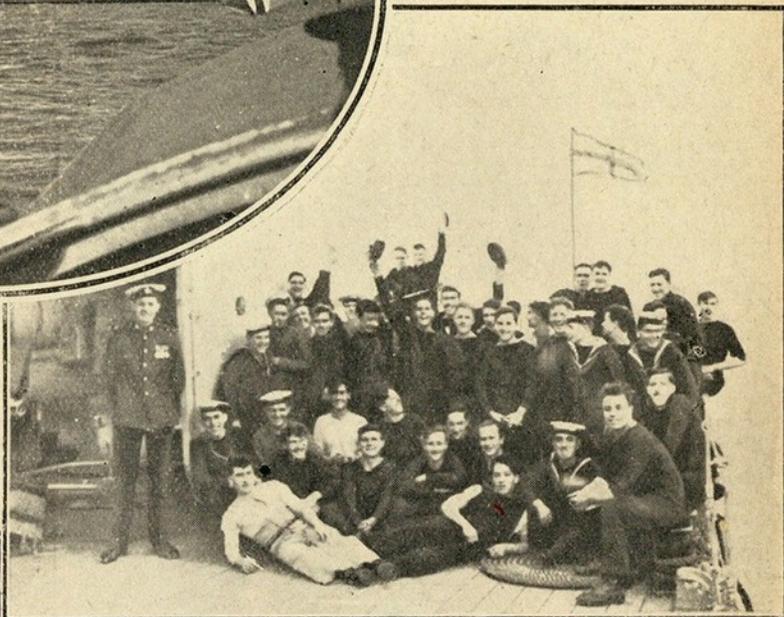
A estação central, em Alcantara, do caminho de ferro de Lisboa a Cintra, por ocasião da inauguração da referida linha, ha 37 anos (O Occidente, n.º 301, de 1 de maio de 1887.)

ESQUADRILHA DE CRUZADORES INGLEZES



O cruzador "Curacôa", a bordo do qual "sire" Thomas Gilbert, comandante da esquadilha que, ha dias visitou o Tejo, ofereceu, no dia 1 um chá, à que assistiram os srs. ministro da Inglaterra, ministros dos Estrangeiros e da Marinha, grande numero de officaes da nossa armada versos outros convidados.

Os officaes do "Curacôa" e alguns dos convidados à festa a que nos referimos



Outro grupo de convidados ao chá realizado, no dia 1 do corrente, a bordo do cruzador inglez "Curacôa".

Os "teams" do Casa Pia Atletico Club e muitos dos marinheiros dos navios de guerra britannicos que jogaram, no dia 2, no campo das Laranjeiras, empatando por 1-1.



(Clichés Salgado.)

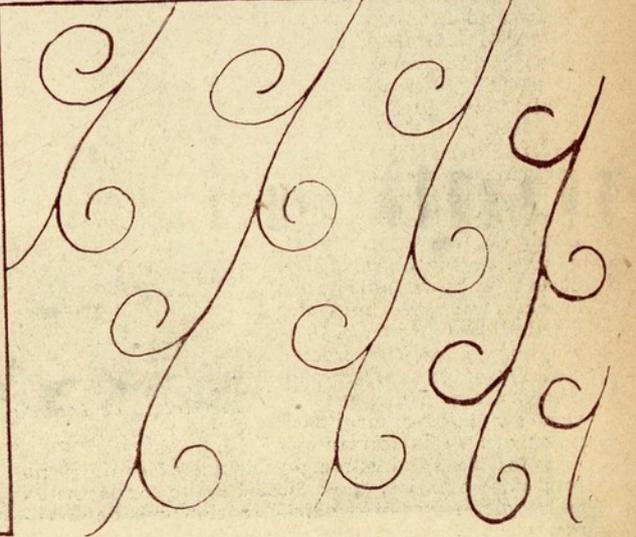
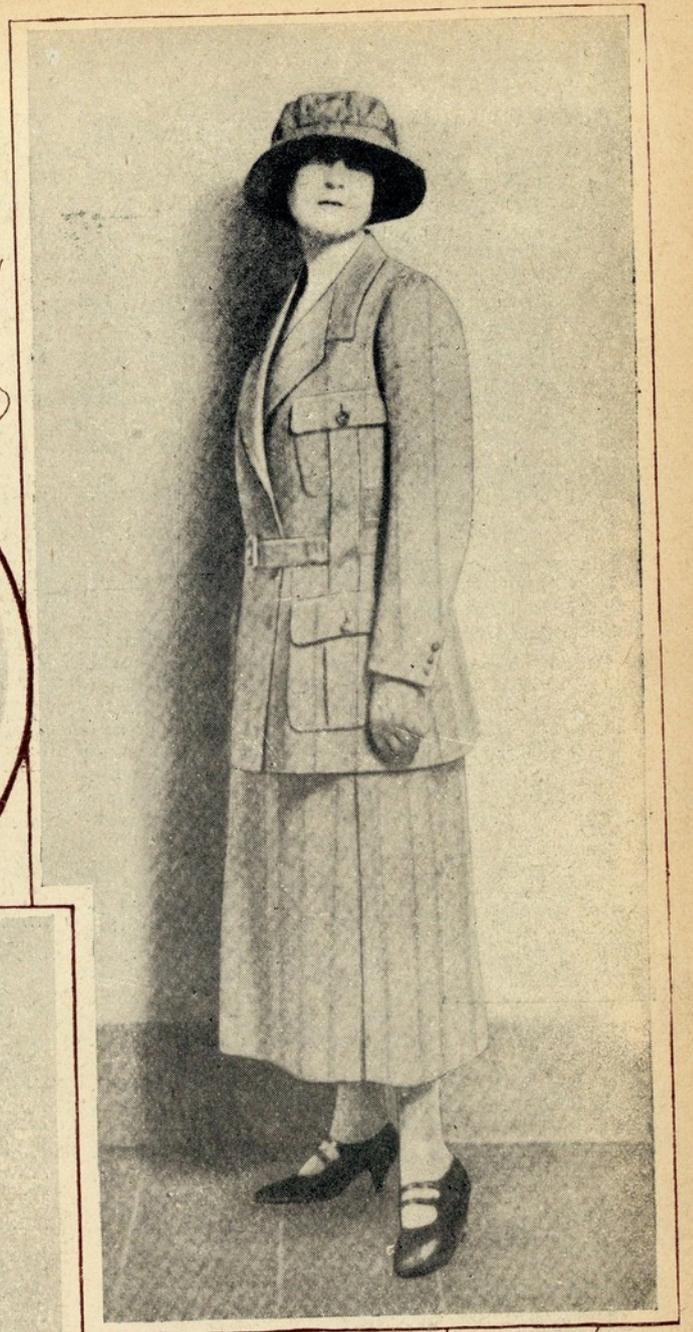
6 2 6 2 6

Página Elegante.

MAIS uma vez a moda afirmou a sua volubilidade.

Não ha muitos dias que, como preceito indiscutível de elegancia, a caprichosa rainha do *chic* nos recomendava o alongamento das saias... Pois, ou porque a sua proverbial inconstancia lhe não permitisse uma mais demorada persistencia de opinião, ou porque a aproximação dos dias claros e belos de verão lhe despertasse um desejo de impôr á *silhouette* feminina um aspecto de juvenillidade consentaneo com a alacridade da primavera, o que é certo é que já hoje nos surge a proclamar a necessidade de encurtar as saias detendo-as á altura aproximada d'uns 30 centímetros do solo, a descobrirem livremente os artelhos...

Oh! a inconstante! Quem poderá nunca tomar a serio as suas decisões!...





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS

ALEIXO GARCIA, por Mario Monteiro

O sr. dr. Mario Monteiro realiso recentemente na Sociedade de Geografia uma conferencia sobre Aleixo Garcia, descobridor portuguez do Paraguay e da Bolivia, em 1524-1525. Trabalho de investigação de singular importancia, representa um preito de todo o ponto justo a uma alta gloria ignorada de Portugal. A conferencia, completada com uma preciosa documentação, veiu agora á luz, muito bem editada pela Livraria Central de H. de Carvalho, da Avenida Almirante Reis. O sr. dr. Mario Monteiro prestou um magnifico serviço ás sciencias historicas, e nomeadamente á historia das nossas descobertas, com a publicação de



Mario Monteiro

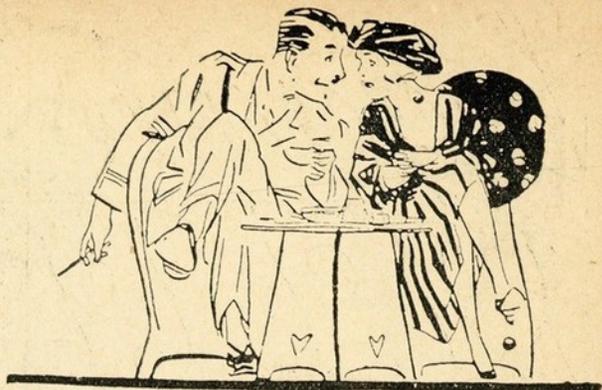
Aleixo Garcia, trabalho abundantissimo em informações e escrito com elegancia e pureza de linguagem. O volume é consagrado á memoria do pae do autor e ainda ás Republicas do Paraguay e da Bolivia, de que foi hospede.

CARTAS DA ZAMBEZIA, por F. Gavicho de Lacerda

Veiu a lume a segunda edição das *Cartas da Zambesia*, do sr. F. Gavicho de Lacerda, obra notavel em que se estudam com perfeito conhecimento de causa muitos dos mais interessantes problemas que dizem respeito áquella parte da nossa grande e opulenta provincia da Africa Oriental. O sr. F. Gavicho de Lacerda viveu largos anos nas paragens de que se occupa, conhece-as profundamente, e não só nos informa sobre a Zambesia, seu valor, suas riquezas, suas necessidades, como tambem trata de outros aspectos moçambicanos por igual dignos de exame. O livro, que a imprensa apreciou com louvor ao apparecer pela primeira vez, é dos que devem ser lidos e meditados pelos que se interessam por assuntos de administração colonial e confiam no futuro das colonias, que o mesmo é que confiar no da metropole. A segunda edição, enriquecida de gravuras, como a primeira, surge agora prefaciada pelo sr. Afonso Gaio. Nas trezentas paginas, aproximadamente,



F. Gavicho de Lacerda



ONDE SE CONVERSARA' COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TU DO E O MAIS QUE OCORRER.

A. J. R. (BRAGANCA)—Que idéa fará o senhor do que sejam sonetos e, até, do que sejam versos? Para nos enviar um com 15 versos e, entre estes, alguns com 15 sílabas ou não faz nenhuma ou está a caçoar connosco. Preferimos acreditar que não faça nenhuma...

A. V.—Registamos a sua resposta a felicitamo-lo pelas suas boas disposições. Quanto á Inconfidencia... é demasiado realista para que possamos colaborar nela, dando-lhe publicidade. Mesmo tratando-se de passarinhos, nem tudo quanto eles fazem, aliás á vista de todos, é suscetivel de se contar. Sobretudo nos termos crus em que o senhor o conta.

F. d'A. (PEDROUÇOS)—Chegaram tarde e, que não chagassem, o caso mereceria mais ou, pelo menos, melhor.

LUCY—Os seus Cantares são correctos embora os temas glosados não ofereçam originalidade de maior. Do mesmo mal pecam, porém, outros, de poetas consagrados. Apenas no 1.º, para evitar uma cacofonia (mandas-lo logo) nos permitiremos uma ligeira alteração. Quanto á sua pergunta: não. Com todo o gosto, porém, lhe prestaremos quaesquer esclarecimentos ou explicações de que precise.

J. F. M. (LISBOA)—Das quadras aproveitam-se algumas; do soneto, não se aproveita nada.

ODENEP—Sairá na devida altura.

ONDINA—E' muito simples a receita que me pede: Prepara o polvo e coze-o. Coloca-o num taboteiro, deita-lhe por cima molho branco. Coze um ovo, desfaz-lhe a gema com uma colher de chá de salsa picada, cobre, com esta massa, as pernas do polvo e mete o taboteiro no forno por uns 10 minutos. Derrete ao lume 40 gramas de manteiga; começando esta a dourar junta-lhe 2 colheres de sopa de migalhas de pão e deixa-as torrar, tirando depois do lume e acrescentando-lhe uma colher de chá de sumo de limão. Gobre o polvo com este molho, servindo immediatamente.—D.

VIOLETA BRANCA—As flores naturaes são sempre bonitas; pode usal-as com todas as toillettes. As meias preferidas neste momento são cor de carne, muito transparentes e com bordados abertos aos lados. A ultima moda em sapatos de dança são de suêde encarnada, com saltos e ornatos de pelica preta; a fivela é substituida por um botão d'aço.—D.

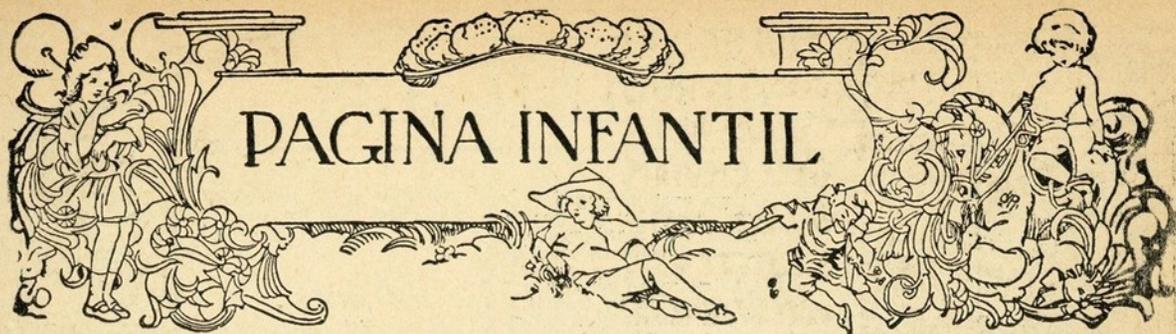
NEURASTENICA—A borda do veu pode ser bordada com missanga d'aço. Prega-se o tule a um papelão, no qual se desenha o debuxo e vão-se seguindo os contornos com as contas.—D.

MARTIR—As frieiras provêm da má circulação; portanto, para impedir o seu apparecimento, convém fazer exercicios e nunca deixar esfriar pés nem mãos, usando luvas e sapatos largos e quentes. Quando appareçam, apesar de todas estas precauções, lavam-se á noite com agua quente, pintam-se com tintura de iodo e polvilham-se com partes eguaes de bismuto e pó de goma; no caso de rebentarem, cobrem-se com papas de linhaça e oleo boricado, trazendo-as ligadas.—D.

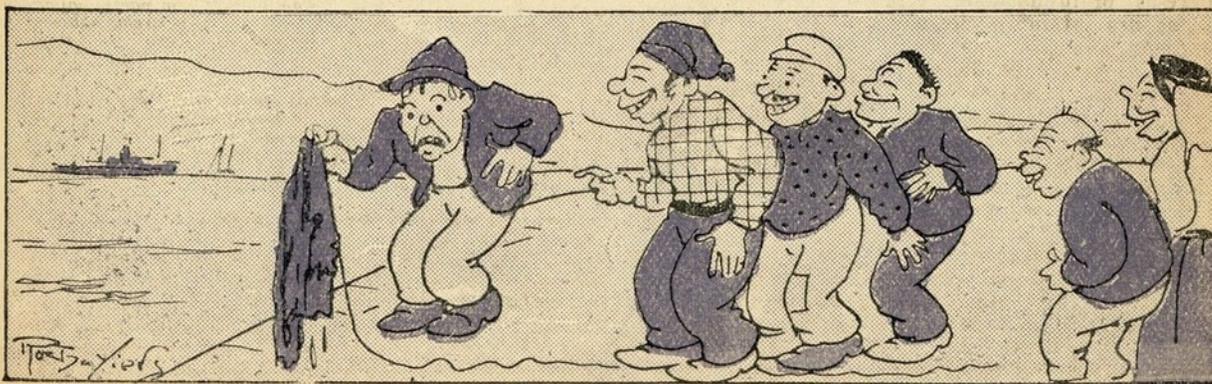
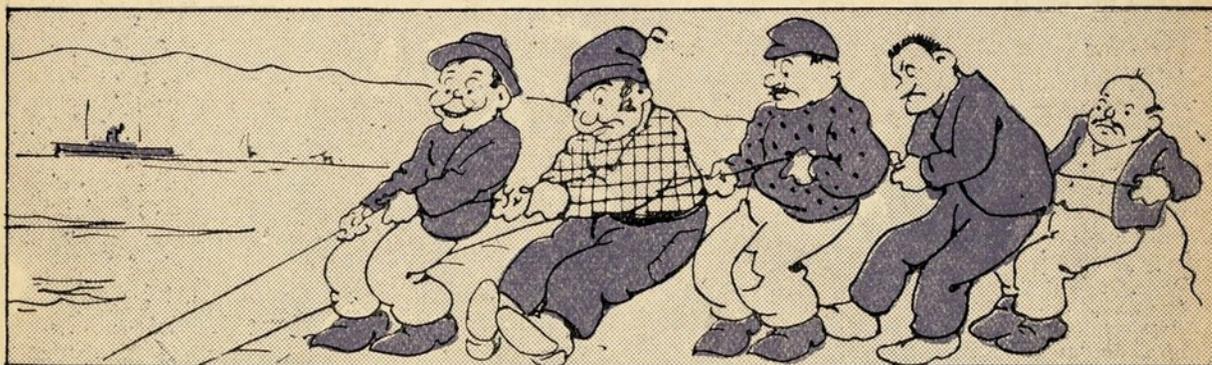
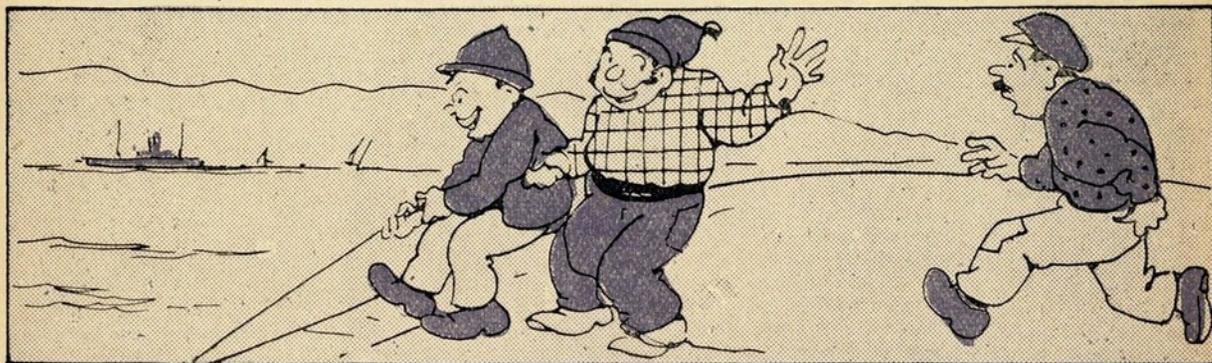
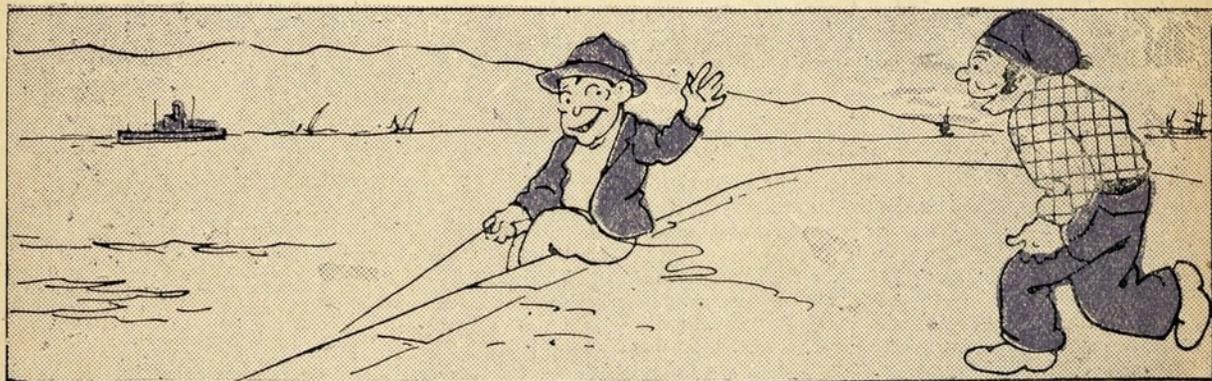
PRINCIPIANTE—Os trabalhos em lã estão realmente em grande voga. O ponto de cruz é muito usado nestes bordados, mas feito sobre talagarcia grossa. As cores mais empregadas são as suaves, lembrando os tapetes orientaes. Utilisa-se muito este bordado para poufs e tapetes; os desenhos são, geralmente, flores ou geometricos.—D.

das *Cartas da Zambesia*, palpita um coração de patriota e fulguram a intelligencia e a vontade de um homem que sabe o que diz e diz o que sabe, tendo apenas em vista a prosperidade e a gloria da sua terra.

A. de A.



Uma Grande... Enguia





ESFINGIA



Decifrações das produções publicadas no anterior numero

Enigmas: Alcongosta—Alfim.
Charada em verso: Odemira.
Enigma pitoresco: Liabonense.
Charadas em frase: Alavão—Morcego—Almacave.
Logogrifo: Duerno.

*

ENIGMAS

Ao distinto colega «Dr. Essejê»

C'a a devida permissão,
 Do no-so «bom Director»;
 Eu apresento este enigma
 Cópia d'um anterior.

Por sete letras formado,
 E com certas variantes,
 Apenas tem tres vogaes,
 Quanto ao resto... consoantes.

Desde a primeira á quinta,
 Todas seguidas a oito,
 Dão coisa, que sendo muitas
 Póde formar o conceito.

A' sexta, seguindo quinta,
 Com terceira, posta á frente,
 Dão o que sobre o conceito,
 Se encontra mui facilmente.

E d'aquí já não avança,
 Pois não posso de maçar;
 N'uma barca, o seu conceito
 O podereis encontrar.

Luz do Mar.

*

Ao dr. «Santo-Mon»

Quatro letras consoantes
 e ainda trez vogais
 duas destas semelhantes
 duas daquelas iguais

A prima, quinta e terceira
 repetida, co'a final
 podeis vel-a sem canceira
 em toda a sé-catedral

Terceira, quinta e primeira
 ultima e quarta a findar
 Ides já numa carreira,
 Ver apelido vulgar.

A final, sexta e segunda
 Mais a terceira, vai dar
 Uma terra alentejana
 que vos é familiar

O resultado colegas
 E' bem simples, a meu ver
 E' cartinha ou epistola?
 Vá lá, é já... resolver!

Figueira da Foz

Jem.

*

«Ao meu illustre amigo e exímio charadista «Dr. Essejê». Agradecendo o seu enigma—Requião—publicado no n.º 939 da Ilustração».

Caro Doutor «Essejê»,
 Agradeço o seu Requião
 E em paga d'essa mercê,
 Aqui tem a retribuição.

Tem quatro letras apenas
 Duas sílabas contem:
 Mas n'estas lides amenas
 Cada qual dá o que tem.

E' um apelido vulgar
 Letra primeira com quarta.
 Agora, p'ra mais achar
 D'esta maneira as reparta:

A primeira, se nos fica
 Com segunda no frontal,
 Da-nos palavra que indica
 Jur'sdição episcopal.

A terceira á quarta junta
 E' apenas o bastante
 (E decerto até abunda)
 P'r'as encontrar n'este instante.

Das letras disse o preciso
 Das sil'bas vou já falar;
 Quero ser o mais conciso,
 Quero bem explicar:

Na inicial da primeira,
 Esta letra m'aparece.
 Sem me dar grande canceira:
 Vê-se um S, vê-se um «Esse».

No principio da segunda
 Est'outra letra se vê,
 Sem estar muito profunda:
 La se encontra um J., um «Jê».

S. J. ou Essejê,
 E' seu nome, meu Doutor;
 Isto ha muito a gente lê,
 Não sou eu o inventor.

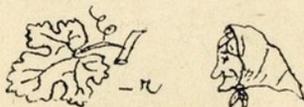
Não o quero mais massar,
 Pois já vae longa esta trela.
 Agora vá descansar
 N'este assunto de janela.

Monção.

Majagori.

*

ENIGMA PITORESCO



MEVINA E MOÇA

*

QUADRO DE HONRA

Dó sustenido — Reinaldo Cid
 — Dr. Essejê — C. Sillel — Violeta — Gira Girão — Fagilde — Zarita — Castor & Polux — Feldirio — Pam — Tia Aldina — Serrot — Do 16 — J. Fernandes — Capitão Silva — Mario A. Ribeiro — N. N. — Pinta scenas — Julio Tavares — Marco Lino Justus — Seugirdor — Vaz Talante — Serip.

Campeões decifradores
 do penultimo numero

CHARADAS EM FRASE

Acode-me aqui, depressa, com a maxima rapidez, quando não caio ao riol —1—1.

Porto

Anjo.

O macho pula com a variedade—1—2.

Tansos.

*

Levanta-te cedo e come depressa; lastima-te á patroa e abala para a terra —3—2.

Porto

Antone Jaquim.

*

LOGOGRIFO

(Sobre o sublime soneto «Na mão de Deus», de Antero de Quental—«Santo Antero», como lhe chamava Eça de Queiroz).

Na mão de Deus, na sua mão direita.—
 1—16—22—10—28.
 Descançou a final meu coração.—11—17.
 27—24—4—32—23.
 Do palacio encantado da Ilusão—31—10.
 —14—20—G—25—31.
 Descia passo e passo a escada estreita.
 —7—13—32—18—35—10—32—4.

Como as flores mortaes, com que se enfeita—9—15—24—8—30—19.
 A ignorancia infantil, despojo vão,—5—
 34—12—4
 Depuz do Ideal e da Paixão—24—28—26
 —3—33—27—24—22.
 A forma transitoria e imperfeita.—21—
 23—29—6—2—28—35—1

Como criança, em lobrega jornada,
 Que a mãe leva no colo agasalhada
 E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
 Dorme o teu sono, coração liberto,
 Dorme na mão de Deus eternamente!

Porto

Dr. Essejê.

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na Ilustração Portuguesa as decifrações das produções insertas n'este numero

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao Seculo e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rio.

—Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

—Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China

= DOENTES =

*Do estomago, rins, fígado e intestinos,
a triticos, obesos e unjaticos, nervosos e mentais;*

Por graves ou antigos que sejam os vossos padecimentos, resp. nsabiliz-me da sua cura por meio dos meus especiais tratamentos NATURO-PSICO-MAGNETOTERAPICOS.

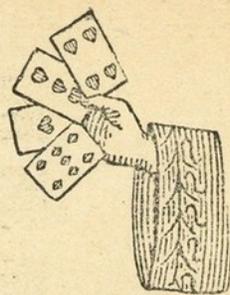
DR. INDIVERI COLUCCI
RUA CIDADAO JOAO GONÇALVES, 20, 2.º E
(AO INTENDENTE)
TELEFONE 2.788-N.

SENHORAS! USE SEMPRE O

"Maria "Suiza"

M. ME VIRGINIA

CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.
Garantia a todos os meus clientes; completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro. Consultas todos os dias e eis das 4 as 2 horas e por correspondencia. En via r \$50. para resposta da carta
Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua da Alegria, predio estuário)

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura incomparaveis. As senhoras que o usam tem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida 23 LISBOA Telef. 3641-N

Resposta mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos de Madame Campos dirigir-se-ha a

«A PORTUGUEZA» de Santos Rutino Limitada, Lourenço Marques

OURO, PRATA E JOIAS

Compram e vendem aos melhores preços

Consultem sempre os nossos preços

Deixoto, Mata & Vinheiro, Lda

Séde: Rua de S. Paulo, 31

Sucursal: R. de S. Paulo, 114

BEBAM AGUA

— :: — DE — :: —

S. MARÇAL

TELEFONE CENTRAL 1566

Pensão-Dietética

Medica, Naturista e Ordinaria

QUARTOS amplos com electricidade, janelas e confortavelmente mobilados Higiene rigorosa e serviço esmerado, Aceitam-se comensaes. Rua Francisco Sanches, M C, 1.º (Cimo Av. Alm. Reis).

Casa ADÃO

CHAS, CAFES, LICORES, CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO E DA MADEIRA

da antiga casa FERREIRINHA DA LGOA

e de F. J. FERREZ & C.ª L.ª PREÇOS SEM COMPETENCIA LOJA E ARMAZEM

76, R. DOS RETROZEIROS, 77, E 75, 2.º ESCRITORIO

RUA AUGUSTA, 70, 3.º

TELEFONE CENTRAL 1566

Maquinas de escrever NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções garantidas—Acessorios
I. Anão & C.ª, Lda. r. Fanqueiros. 376 — 7.º — 1530

RELOGIOS DE PAREDE

Aos señores Relojoeiros

ACABAM de chegar da marca Soleil e Radium. Despertadores de fantazia e Babys. Fournituras e terramentas para relojoeiros, ourives e gravadores.

GRANDE SORTIDO

COTRINS & AFONSO, Lda.ª
Rua da Prata, 175 — Rua 31 de Janeiro, 145 LISBOA PORTO

LINHOS BRANCOS RENDAS-ENTREMEIOS LENÇOS-CRETONNES

Au Prin.emps-R. ivens, 56

CASA RUBI

Telefone Central 3851 ILUMINAÇÃO, HIGIENE E AQUECIMENTO

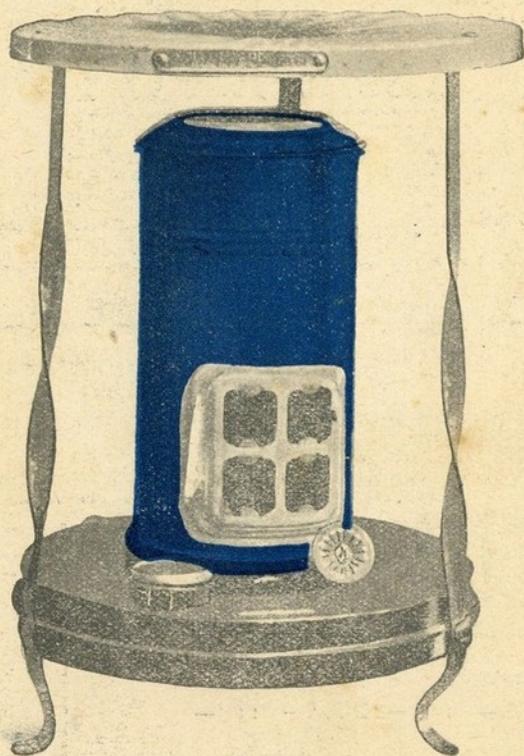
120 — R. RETROZEIROS — 122

TRABALHOS TIPOGRAFICOS — EM TODOS OS GENEROS —

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA Rua do Seculo, 49 — LISBOA

QUERE MAIS CONFORTO EM SUA CASA
OU NO SEU ESCRITORIO?

Compre um calorifero



e consuma sempre

Sunflower

O petroleo preferido

VACUUM OIL COMPANY
